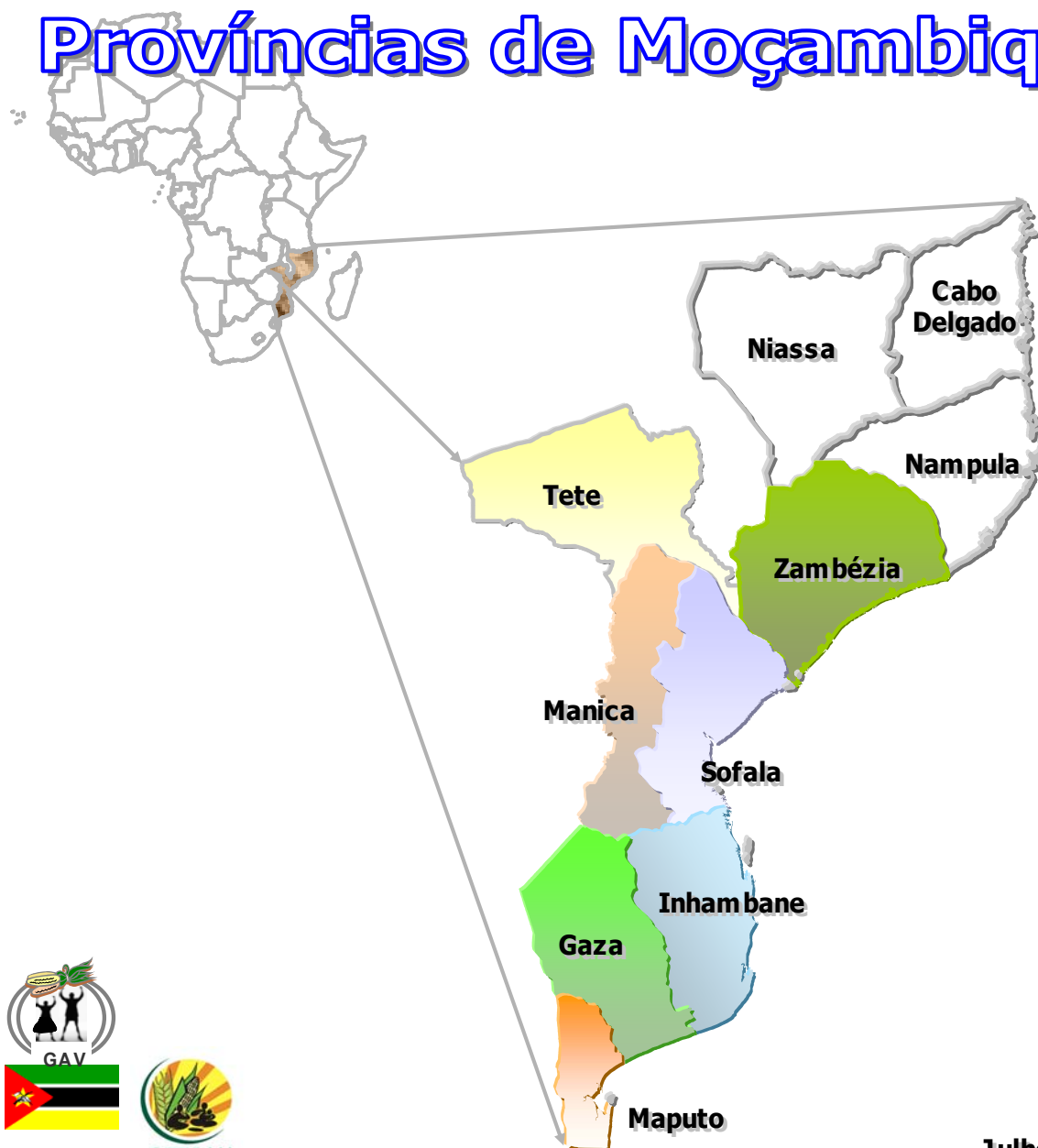




República de Moçambique
Secretariado Técnico de Segurança Alimentar e Nutrição

Grupo de Análise de Vulnerabilidade

Análise de Vulnerabilidade Corrente nas Sete Províncias de Moçambique



MOÇAMBIQUE



SETSAN

Julho, 2004

Agradecimentos

O Grupo multisectorial Análise de Vulnerabilidade (GAV) liderado pelo SETSAN apresenta profundos agradecimentos aos técnicos, consultores, conselheiros e estudantes que participaram activamente em todo processo de avaliação de vulnerabilidade nas sete províncias de Moçambique; desde o desenho do questionário, levantantamento de dados, análise e a escrita de relatório.

Os nossos agradecimentos vão para os técnicos de DPS a da DPADR que participaram como supervisores de equipe de levantamentos de dados. Estendemos esses agradecimentos aos inquiridores que demonstraram um grande profissionalismo no levantamento de dados, tendo trabalhado em condições difíceis no que se refere ao acesso, alojamento e alimentação.

O GAV reconhece com gratitude a valiosa contribuição financeira proveniente do DFID, FAO e SC-UK da Zambézia, sem a qual não seria possível atingir os objectivos preconizados. Por outro lado o GAV agradece a organização da logística do trabalho de campo por parte do PMA central e PMA "Sub-offices" de Inhambane, Sofala, Tete e Zambézia.

No que diz respeito ao aspecto técnico o GAV gostaria de realçar, sem minimizar o mérito de outros parceiros, a contribuição valiosa do SC-UK, OCHA, FEWS-NET, FAO E PMA, pela participação exemplar em todo o processo de desenho do questionário, amostragem, análise e redacção.

Aos demais parceiros nomeadamente MSU, UNICEF e HKI o nosso muito obrigado pelas contribuições valiosas que possibilitaram melhorar o relatório.

A todos, incluindo os agregados familiares entrevistados agradecemos fazendo votos que os resultados ora alcançados sejam de utilidade pública para assistir os intervenientes na planificação, tomada de decisão e de intervenções prioritárias para aliviar a vulnerabilidade das populações rurais.



Índice

Índice	i
Índice de Tabelas	iii
Índice de Gráfico	iii
Lista dos Acrónimos	iv
Sumário Executivo	v
1. Introdução	1
Alguns factores que potencialmente afectam a situação corrente.....	2
O HIV/SIDA e a Segurança Alimentar e Nutricional.....	3
2. Metodologia	4
2.1. Amostragem	4
2.2. Trabalho de Campo	5
2.3. Digitação e Limpeza dos Dados	6
2.4. Análise dos Dados	6
3. Conceito de Vulnerabilidade	7
3.1. Base Teórica	7
3.2. Como o Inquérito Trata a Vulnerabilidade.....	8
3.3. Relação com as Recomendações.....	8
4. Indicadores de bem estar	9
4.1. Composição do Agregado Familiar	9
4.2. Saúde.....	11
4.2.1. Incidência de doenças e doenças crónicas	11
4.2.2. Acesso a serviços de saúde	12
4.2.3. Mortalidade de adultos (18-45) e infante juvenil (0-4 anos).....	13
4.2.4. Morbidez infante juvenil crianças menos de 5 anos.....	13
4.2.5. Informações sobre HIV	13
4.3. Educação.....	14
4.3.1. Alfabetização dos adultos	14
4.3.2. Escolaridade das Crianças	15
4.4. Água e Saneamento	15
4.4.1. Principal fonte e tempo gasto na busca de água e saneamento	15
4.5. Consumo	15
4.5.1. Número de refeições.....	15
4.5.2. Diversificação de dieta	16
5. Situação Financeira	16
5.1. Fontes de Rendimento	16
5.2. Remessas e transferências	18
5.3. Despesas.....	18
5.4. Bens	19
5.5. Poupança e Pensão	19
5.6. Crédito	20
6. Agro-pecuária	21
6.1. Pecuária	21
6.2. Produção	22
6.3. Terras	24
7. Choques e Respostas	25
7.1. Choques	25
7.2. Respostas.....	26
8. Características gerais dos Grupos de Modos de vida	26



8.1.	Localização dos grupos	28
8.2.	Aspectos-Sócio-Demográficos	29
8.3.	Aspectos Sócio-Económicos dos Grupos.....	32
8.4.	Gestão dos Riscos	35
8.5.	Choques	35
8.6.	Insegurança Alimentar	37
8.7.	Graus de Vulnerabilidade	38
8.8.	Grau de Vulnerabilidade dos Grupos.....	39
8.8.1.	Grupo 1	39
8.8.2.	Grupo 2	40
8.8.3.	Grupo 3	40
8.8.4.	Grupo 4	41
8.8.5.	Grupo 5	41
8.8.6.	Grupo 6	41
8.8.7.	Grupo 7	42
8.9.	População presente em situação de insegurança alimentar, em risco e sua Localização 42	
9.	Conclusões e Recomendações	45
9.1.	Segurança Alimentar 2004 e os grupos de meios da vida	45
9.2.	Características da população da amostra e a vulnerabilidade à insegurança alimentar....	45
9.3	Grupos de Meios da Vida e programação	46
9.4	Programação e áreas geográficas	46
9.5	Números de Pessoas em vulnerabilidade extrema em 2004	47
10.	Recomendações	47
10.1	Recomendações Gerais	47
a)	Assistência Directa.....	47
b)	Água e Saneamento	49
c)	Saúde.....	49
d)	HIV	49
e)	Educação.....	50
f)	Coordenação.....	50
10.2	Recomendações para Grupos de maior vulnerabilidade (1 à 3).	50
g)	Alfabetização de adultos.....	50
h)	Grupos de Meios da Vida e Acesso ao serviço de Saúde	51
10.3	Recomendações específicas para Grupo 1:	51
12.4	Recomendações específicas para Grupos 2 e 3.....	52
12.5	Recomendações específicas para Grupo 4:	54
12.6	Recomendações específicas para Grupo 5:	54
12.7	Recomendações específicas para Grupo 6:	55
12.8	Recomendações específicas para Grupo 7:	56
	Referências:.....	58

Índice de Tabelas

Tabela 1: fontes de informação do HIV/SIDA.....	14
Tabela 2: Informações sobre a qualidade da dieta e tipo de produto consumido.....	16
Tabela 3: Percentagem de AFS que vendem produtos.....	17
Tabela 4: Distribuição de Bens de Consumo.....	19
Tabela 5: Porcentagem de AF com Poupança e que Emprestando Dinheiro.....	20
Tabela 6: Posse de animais.....	22
Tabela 7: Percentagem de AF com Produção por Tipo de Cultura.....	23
Tabela 8: Situação da Colheita por Região.....	23
Tabela 9: Duração de reservas nos celeiros.....	24
Tabela 10: Percentagem de AFs que passaram por um período de stress.....	26
Tabela 11: Distribuição dos grupos por região.....	28
Tabela 12: Situação dos Chefes de AFs.....	29
Tabela 13: Percentagem de AF por Categoria de Tamanho AF.....	29
Tabela 14: Percentagem de adultos doentes nas últimas duas semanas.....	29
Tabela 15: Doenças Agudas.....	30
Tabela 16: Doenças Crônicas.....	30
Tabela 17: Percentagem de chefes do AF doente por 3 meses, no último ano.....	30
Tabela 18: Percentagem de morbidez das crianças e acesso a VITA.....	31
Tabela 19: Acesso de crianças a educação e despesas.....	31
Tabela 20: Receita de Remessas e Transferências.....	34
Tabela 21: Qualidade da Dieta.....	37
Tabela 22: Populações por Região e Grupo.....	44
Tabela 23: Lista de anexos.....	57

Índice de Gráfico

Figura 1: Distribuição da Amostra por Grupos de Idade.....	10
Figura 2: Doenças crônicas em adultos.....	11
Figura 3: Grupo de agente da medicina consultados.....	12
Figura 4: Número de Refeições nas Últimas 24 horas.....	15
Figura 5: Proporções de Fontes de Crédito.....	21
Figura 6: Principais riscos citados pelos AFs.....	25
Figura 7: Agregados Familiares com Conhecimento de 2 ou mais Maneiras de Evitar HIV.....	31
Figura 8: Fontes de Rendimento Principais - Mulheres.....	32
Figura 9: Fontes de Rendimento Principais - Homens.....	32
Figura 10: Acesso a Dinheiro - Homens.....	33
Figura 11: Acesso a Dinheiro - Mulheres.....	33
Figura 12: Acesso à Terra.....	34
Figura 13: Dificuldades com a Alimentação por Número de Choques.....	36
Figura 14: Dificuldades na Alimentação.....	37
Figura 15: Categorias de Qualidade de Dieta.....	38
Figura 16: População em Situação de Insegurança Alimentar e em risco.....	43



Lista dos Acrónimos

Sigla	Nome
AF	Agregado Familiar
AV	Análise de Vulnerabilidade
CENACARTA	Centro Nacional de Cartografia e Teledetecção
CH	Chefe Homem
CM	Chefe Mulher
CS-PRO	Programa Estatístico
DPADR	Direcção Provincial de Agricultura e Desenvolvimento Rural
FAO	Food and Agriculture Organization
FANTA	Food and Nutrition Technical Assistance
FEWS NET	Famine Early Warning System Network
GAV	Grupo de Análise de Vulnerabilidade
GOM	Governo de Moçambique
HIV/SIDA	Vírus do HIV/Síndrome de Imunodeficiência Humana
HKI	Hellen Keller International
MADER	Ministério de Agricultura e Desenvolvimento Rural
MISAU	Ministério de Saúde
OCHA	Office for Coordination of Humanitarian Assistance
ONGs	Organizações não Governamentais
PMA	Programa Mundial de Alimentação
PVCHS	Pessoas vivendo com HIV-SIDA
SC-UK	Save the Children UK
SETSAN	Secretariado Técnico de Segurança Alimentar e Nutrição
SIMA	Sistema de Informação de Mercados Agrícolas
SPA	Serviços Provinciais de Agricultura
TIA	Trabalho de Inquérito Agrícola
UEM	Universidade Eduardo Mondlane
UNICEF	Fundo Das nações Unidas para Crianças



Sumário Executivo

A primeira metade da época chuvosa 2003/04, de Outubro a Dezembro 2003, foi caracterizado por uma precipitação baixa e irregular, suscitando receios de mais um ano de seca, com indicações de uma fraca colheita e um conseqüente aumento da situação de insegurança alimentar. Daí, o GAV começou a projectar uma recolha de dados mais abrangente visando proporcionar uma informação detalhada sobre a vulnerabilidade das populações.

Assim o GAV, realizou nos períodos de 08 de Março a 04 de Abril, um inquérito aos agregados familiares nas províncias de Maputo, Gaza, Inhambane, Sofala, Manica, Tete e Zambézia com o objectivo de avaliar a magnitude e a severidade do impacto da seca e efeitos combinados da persistência da pobreza e prevalência de HIV/SIDA, assim como outros factores. A pesquisa do GAV não contemplou Nampula, Cabo Delgado e Niassa. A situação sobre a insegurança alimentar, especialmente na região costeira de Nampula, será analisada detalhadamente pelo SETSAN - Provincial, GAV e parceiros nos próximos meses.

A análise de vulnerabilidade de 2004 incluiu uma avaliação quantitativa e qualitativa. Na avaliação quantitativa foi utilizado um questionário à nível dos AFs com indicadores e objectivos comparáveis de vulnerabilidade e, com variáveis para descrever as causas e a dinâmica da vulnerabilidade familiar. Para a avaliação qualitativa foi elaborado um guião com perguntas chave.

A análise dos dados foi efectuada pelo GAV, com assistência técnica internacional. Os dados Sócio-Económicos foram analisados em primeiro lugar, de modo a dar uma imagem geral da situação de bem estar da população. Foram feitas as primeiras comparações dos dados sobre o acesso a água, educação, serviços de saúde, etc, com outras avaliações recentes, tais como a Inquérito Demográfico e de Saúde, IAF, TIA e as jornadas de análise de vulnerabilidade anteriores. Os principais indicadores foram os sócio-demográficos, acesso à saúde e a educação, estado da saúde e HIV, consumo de alimentos nas famílias, consumo e despesas, geração de rendimentos, produção agrícola, posse de animais, organização sócio-cultural, gestão de risco, estratégias de sobrevivência. Os resultados são apresentados por regiões de estudo.

A segunda parte do quadro analítico baseou-se na criação de grupos modos de vida. Com base nos dados recolhidos, foram formados sete grupos diferentes através do agrupamento dos seguintes indicadores: posse de animais, produção de cereais, produção de mandioca ou batata-doce, acesso a terra (numero de machambas cultivadas), trabalho informal para homens e mulheres, e emprego formal, percentagem de alimentos consumidos comprados ou produzidos pelo AF, número de refeições e qualidade de dieta.



Entre outros foi também usado a incidência de doenças crónicas, rácio de dependência efectiva.

De modo a fornecer estimativas da população presentemente em situação de insegurança alimentar, o GAV utilizou os seguintes indicadores:

- Qualidade de dieta pobre (<12)
- Ausência de reservas alimentares
- Ausência de culturas ainda por colher

A média geral do tamanho dos AFs é de 5.8 e varia segundo as regiões. Vinte e cinco por cento dos AFs são chefiados por mulheres que também varia entre as áreas de inquérito, sendo 48% no Sul de Gaza a mais alta. Menos de 1 % dos AFs são chefiados por crianças. Segundo o inquérito, 3,5% das crianças são órfãs de mães, e 9,0% são crianças órfãs de pais. A taxa de dependência foi em 1.35 média para toda as áreas e a efectiva é 1.48 em média com Tete sudoeste com uma taxa ainda maior (1.76).

Cerca de 27% dos entrevistados afirmaram terem estado doentes nas últimas duas semanas antes da realização do inquérito, dos quais 68% fizeram consulta, enquanto que Aproximadamente 10% das pessoas estiveram doentes por mais de três meses no último ano, dos quais 83% fizeram consultas com o Serviço Nacional de Saúde (SNS). Zambézia teve a maior incidência de doença crónica (15% contra a média de 10% da população na amostragem).

No amostra cerca de 60% das crianças tem cartão de saúde, e regista-se diferenças significativas entre as áreas do inquérito, como por exemplo, o Oeste de Tete, Manica e Sofala apresentaram percentagens abaixo de 50% (48%, 43% e 47%) respectivamente. Esta percentagem é substancialmente mais baixa comparando com a do AV do ano passado onde acima de 80% das crianças possuíam cartões de saúde. Quanto a morbidez das crianças, uma média 175 crianças tiveram diarreia nas últimas duas semanas antes do inquérito, representando 17% da amostragem.

A maioria das famílias abrangida pela pesquisa já tinha ouvido falar de HIV/SIDA, com pouca variação nas várias regiões geográficas. Esta taxa considerada alta foi reportada mesmo na faixa etária economicamente produtiva, 18-45 anos de idade, e a taxa de prevalência das doenças crónicas foi mais alta entres os chefes de família. A rádio foi a principal fonte de informação sobre a pandemia

Em relação ao consumo, 99% dos AFs indicaram ter comido pelo menos uma refeição durante as últimas 24 horas (28 AFs indicaram que não tinham comido) e 90% comeram duas ou mais refeições, com uma média de 2.4 refeições. Os dados do AV de 2003 relataram que 96% comeram pelo menos uma refeição. Esta percentagem não tem uma grande diferença com o resultado obtido neste estudo. A percentagem de AF que não tiveram refeições no dia anterior apresenta uma menor variação por região.



A percentagem de AFs com uma qualidade de dieta muito baixa diminuiu enquanto os AFs com uma dieta aceitável aumentou em comparação com os resultados do AV 2003. Notou-se ainda que o valor médio aumentou, e houve uma melhoria nos produtos consumidos pelos AFs.

Muitos AFs têm mais de uma fonte de rendimento. Dos 80% dos AFs que responderam a pergunta sobre a principal fonte de rendimento para homens, 66% indicaram que é agricultura, seguida por emprego formal e trabalho informal (8%). Dos 88% dos AFs que responderam a pergunta sobre a principal fonte de rendimento para mulheres, 82% indicaram que é agricultura, 5% trabalho informal e menos de 1% (39 AF) citaram o emprego formal.

A maioria dos homens recebe o pagamento em dinheiro enquanto que as mulheres são remuneradas em dinheiro assim como em espécie. A diferença entre homens e mulheres é significativa, com 50% dos homens pagos em dinheiro e somente 20% das mulheres remuneradas em dinheiro. Isso mostra uma situação em que as mulheres têm menos acesso ao dinheiro, no que refere ao trabalho fora de casa.

A situação encontrada nas zonas rurais demonstra uma fraca circulação de dinheiro o que quer dizer que com falta de dinheiro muitas pessoas têm despesas monetárias limitadas. Produtos como sabão e detergentes foram os bens mais comprados pelos AFs. Os gastos dos AFs em despesas não-alimentares são mínimos.

A média de AFs que produzem cereais é 95%. Com a excepção de Inhambane Interior (88%), as outras regiões tem pelo menos 90% dos AF a produzir cereais. A produção de mandioca e batata doce também é alta (62%) com excepção das duas regiões de Tete onde se encontram menos de 25% dos AF a produzir tubérculos. No total, 83% dos AF ainda tinham cereais para colher referentes a primeira época

Da amostra 12% dos AFs possuem gado bovino, 44% gado caprino, e 71% possuem galináceos. Quanto a venda de animais, mais de um quarto de AFs vendem caprinos nas regiões de inquérito das províncias de Tete, Manica, Sofala. Nota-se um considerável aumento de venda de caprinos em Manica devido a existência de maior número de efectivos e maior demanda nessas regiões do país.

As principais estratégias para enfrentar o stress alimentar estão frequentemente relacionadas a alimentação e com medidas de curto prazo como reduzir o número de refeições e baixar a qualidade de refeições com mais do que 70% dos AF utilizando esta estratégia durante o ano passado seguido da compra de alimentos praticada por mais do que 60% dos AF.

Cerca de 44% dos AFs indicaram que passaram um período de stress alimentar extremo durante os últimos 12 meses. As famílias chefiadas por mulheres



reportaram mais incidência de stress alimentar (49%). Contudo, os actuais níveis de insegurança alimentar baixaram consideravelmente do ano passado, devido fundamentalmente a chuvas favoráveis na segunda metade da época da campanha agrícola bem como as intervenções em curso.

Os seguintes grupos foram identificados: 1. Agricultores de Subsistência deficitária; 2. Agricultores de Subsistência Básica; 3. Agricultores Dependentes de Cereais; 4. Agricultores com o Sistema de Produção diversificado e com oportunidades de trabalho informal; 5. Agricultores com Sistema de Produção Diversificado e Animais; 6. Agricultores Auto-Suficientes com Rendimento Agrícola; e 7. Agricultores com o Sistema de Produção diversificado, rendimento do emprego formal e remessas.

Nota-se que no grupo 1, de subsistência deficitária, quase 40% dos AFs são chefiados por mulheres. Quanto a escolaridade e alfabetização menos de 45% dos chefes são alfabetizados ou estudaram nos grupos 1 a 3, enquanto que mais de 50% nos grupos 4 a 7.

Os Grupos 1, 2 e 3 são caracterizados por ter limitada diversificação de padrão de cultivo e fracas opções de rendimento. Grupos 1 e 3 tem menos de todos os tipos de animais e menos de 60% dos AFs tem galinhas.

Dados desagregados pelos grupos de modos de vida revelaram largas diferenças nos indicadores de impacto (choque) por grupo. Os dados sobre a qualidade de dieta mostram que os Grupos 1 e 2 possuem dietas mais pobres do que os outros grupos. Também, a maioria das pessoas que só tiveram uma refeição no dia anterior é proveniente dos Grupos 1 e 2.

A pesquisa do GAV em 4950 famílias em 42 distritos identificou um total de 202.000 pessoas em situação de insegurança alimentar, dos quais 108.000 pessoas estão numa situação de insegurança alimentar aguda e que requerem uma contínua ajuda de emergência até a próxima colheita pertencentes aos grupos de modos de vida 1, 2 e 3. As restantes 94.000 pessoas (aqueles com uma dieta pobre e sem culturas nas machambas, mas com três meses de reservas de alimentos) estão em risco e poderão eventualmente vir a necessitar de assistência de emergência de Outubro de 2004 a Março de 2005.

O GAV conclui que a situação geral dos agregados familiares melhorou comparando com o ano anterior, embora ainda exista prevalência de pessoas com insegurança alimentar nas zonas de estudo e nos sete grupos sócio económicos identificados.

A diversificação dos sistemas de produção, particularmente a multiplicidade de culturas e a localização das machambas, melhora a resistência do AF aos choques climáticos e económicos. Esta diversificação esta intrinsecamente ligada ao grau de vulnerabilidade dos diferentes grupos de modos de vida,



sendo menos vulneráveis aqueles que apresentam maior diversificação dos sistemas de produção.

A análise fornece aos tomadores de decisão informação relevante para melhor compreender como as famílias rurais têm respondido aos desafios impostos pela seca prolongada, com atenção especial à sua segurança alimentar. Pretende-se que os resultados ajudem aos tomadores de decisão a melhorar as políticas de assistência. Estes dados servirão também de base para Monitorar a situação de Segurança Alimentar e Nutricional.

Baseado nas análises e no entendimento dos factores que contribuem para o nível de vulnerabilidade, o GAV tece recomendações que visam a recuperação e fortalecimento de modos de vida das famílias, para além de aliviar a presente insegurança entre os mais vulneráveis:

1. Alimentação gratuita ou comida pelo trabalho imediata até a próxima colheita para as famílias em insegurança alimentar (108.000 pessoas). Distribuição gratuita de alimentos é recomendada aos mais vulneráveis (por exemplo: idosos, órfãos e famílias chefiadas por mulheres, etc); para outros, Comida pelo Trabalho é aplicável também como uma forma de incentivar as famílias a participar em actividades produtivas dentro das comunidades.
2. Em outros distritos com excedentes de produção onde foram localizadas populações com insegurança alimentar, a distribuição de valores monetários ou compras à nível local pode desempenhar várias funções: facilitar o acesso das famílias aos alimentos disponíveis localmente; permitir que as famílias em situação alimentar segura possam gerar algum rendimento através da venda dos excedentes e manter a dinâmica dos grupos através dos mecanismos normais de mercado.
3. Aproximadamente 94.000 pessoas em risco de insegurança alimentar entre Outubro de 2004 a Março de 2005. Recomenda-se uma monitoria cuidadosa pelo GAV e parceiros para verificar se aqueles grupos vão mesmo precisar de assistência, quando a produção da segunda época for inclusa.
4. Em colaboração com as escolas, orfanatos e centros de saúde, direccionar os programas de assistência aos órfãos e crianças vulneráveis, e famílias vivendo com o HIV/SIDA.
5. Expandir actividades ou trabalhos públicos fora de época para absorver mão de obra local, com os pagamentos feitos em dinheiro para facilitar a geração de rendimento pelas famílias.
6. Promover programas integrados de educação nutricional visando o melhoramento da dieta das famílias.



7. Aumentar postos de sentinela para implementar o controlo epidemiológico e nutricional.
8. Promover o uso de rádio para divulgar programas educacionais sobre o HIV/SIDA, e promover culturas com menos carga laboral, bem como orientar a utilização de anti-retrovirais nas regiões com alto rácio de dependência.



1. Introdução

Reconhece-se que à avaliação da vulnerabilidade à insegurança alimentar é dinâmica e varia no tempo e no espaço. Efectivamente a ronda de Maio/Junho 2003 apresentou um cenário com 659.000 pessoas em situação de insegurança alimentar extrema e um grupo de 250.000 pessoas em risco de insegurança alimentar que devia ser monitorado. Entretanto a missão de monitoria feita em Novembro 2003 constatou que a situação de segurança alimentar manteve-se e tinha tendências de melhorar.

Entretanto, existia um receio de que o terceiro ano consecutivo de seca em alguns distritos pudesse requerer acções por parte do GOM e a sociedade civil para reduzir a vulnerabilidade de comunidades e agregados familiares afectados pela seca. Para, além disso, alguns membros e parceiros do SETSAN acreditavam que as habilidades dos agregados familiares rurais de mitigar os efeitos de uma seca prolongada estejam fragilizados pela persistência da pobreza e prevalência de HIV/SIDA. Contudo, diversas intervenções têm sido levados a cabo como resposta à mitigação dos efeitos da seca e de outros factores de vulnerabilidade¹. Como tal, o Governo os parceiros têm manifestado interesse em conhecer melhor o impacto das intervenções nos grupos vulneráveis como forma de melhorar as acções.

Para responder a estas preocupações, o Grupo de Análise de Vulnerabilidade (GAV) do Secretariado Técnico de Segurança Alimentar e Nutrição (SETSAN) responsável e com mandato de coordenar as análises de segurança alimentar e nutrição assim como fornecer os resultados atempadamente e de forma precisa para o governo de Moçambique e para os seus parceiros, realizou nos períodos de 08 de Março a 04 de Abril, um inquérito aos agregados familiares nas províncias de Maputo, Gaza, Inhambane, Sofala, Manica, Tete e Zambézia.

O objectivo da análise foi de avaliar a magnitude e a severidade da vulnerabilidade nestas províncias seleccionadas e apreciar os mecanismos de adaptação e de mitigação quer individual quer institucional, face à situação de vulnerabilidade. A análise determina, de forma objectiva, a situação de segurança alimentar e proporciona uma melhor compreensão da dinâmica da vulnerabilidade das famílias e comunidades rurais afectadas por um longo período de seca.

Porque as variações anuais das condições climáticas em Moçambique fazem com que a produção agrícola varie de ano para ano em várias comunidades rurais, a segurança alimentar e vulnerabilidade apresentam situações dinâmicas e não devem ser consideradas como indicadores estáticos. Por isso, a recolha

¹ Vide a secção 4 que discute o conceito de vulnerabilidade

primária de dados constitui uma parte necessária das actividades de avaliação de vulnerabilidade do SETSAN em 2004.

O objectivo deste documento é relatar o estado geral de vulnerabilidade, das populações nas áreas rurais de Moçambique, frente aos choques mais comuns. Baseado no entendimento dos factores que contribuem para o nível de vulnerabilidade corrente assim como para os resultados, este documento fornece uma série de recomendações que concorrem para a redução de vulnerabilidade a longo prazo de forma a reduzir os níveis de riscos e, melhoramento da resistência da população para minimizar as necessidades futuras de intervenções de emergência.

Existem grupos de pessoas que são extremamente vulneráveis e em situação de insegurança alimentar no presente momento. Estes grupos são identificados e também discutidos nas recomendações. Deve ser realçado desde o início que os grupos foram formados de acordo com alguns factores de meios de vida, o que significa que o grupo como um todo é vulnerável aos choques devido a estratégias de meios de vida e gestão de risco e, não quer dizer que todos os que estão nos grupos mais vulneráveis necessitam de assistência alimentar.

A análise fornecerá aos tomadores de decisão informação relevante para melhor compreender como as famílias rurais têm respondido aos desafios impostos pela seca prolongada, com atenção especial à sua segurança alimentar. Pretende-se que os resultados ajudem aos tomadores de decisão a melhorar as políticas de assistência. Estes dados servirão também de base para Monitorar a situação de Segurança Alimentar e Nutricional.

Alguns factores que potencialmente afectam a situação corrente

Precipitação - No geral, a presente época chuvosa foi irregular mas sem consequências drásticas para a campanha agrícola. Depois do começo das chuvas em Outubro houve uma interrupção entre a 3ª década de Novembro e a 2ª década de Dezembro, altura a partir da qual voltou à situação normal e regular a partir de Janeiro de 2004. Devido a irregularidade na precipitação verificou-se uma escassez de alimentos básicos numa altura em que normalmente estes alimentos costumam estar disponíveis. Os efeitos das chuvas irregulares foram minimizados, graças às respostas imediatas dos programas de mitigação à seca do GoM, ONGs e parceiros. Para, além disso, os camponeses fizeram ressementeiras e noutros casos diversificaram as culturas optando por culturas tolerantes à seca.

As chuvas registadas em Janeiro 2004 constituíram um grande alívio, depois de um período seco nos meses de Novembro e Dezembro. Enquanto a precipitação acumulada registada de Janeiro até meados de Abril foi acima do normal em Maputo e na maior parte do interior de Gaza, muitas outras áreas registaram chuvas abaixo do normal, com défices assinaláveis na zona costeira do sudeste de Inhambane. Surpreendentemente, o interior de Gaza, que normalmente é propenso a seca, registou os valores mais altos, com Massingir,



Chicualacuala e Mabalane a registarem 180, 173 e 152% do normal respectivamente. Níveis normais de chuva acumulada se registaram em Tete, norte e nordeste de Cabo Delgado, sul de Zambézia, nordeste de Nampula e norte de Manica.

Preços - Os preços, particularmente de milho, continuavam mais altos em comparação com a mesma altura do ano passado, provavelmente como consequência do atraso da campanha agrícola. Consequentemente, o abastecimento de milho é inferior ao normal enquanto que a procura se mantém alta. Este factor poderá explicar a lentidão da redução sazonal dos preços no sul e centro do País.

Entretanto, com o início da colheita de várias culturas, os preços, nos diversos mercados monitorados pelo Sistema de Informação de Mercados Agrícolas (SIMA) continuaram apresentar uma redução nos três níveis de transação (produtor, retalhista e grossista) comparativamente com o mês de Abril com destaque para o milho branco e feijão nhemba.

Níveis de Pobreza - Em Moçambique a pobreza é determinada tendo-se em conta a linha de pobreza. A linha de pobreza total é o somatório da linha de pobreza alimentar e não alimentar. A linha de pobreza alimentar é construída determinando as necessidades diárias de consumo de energia alimentar (calorias) da dieta típica dos pobres e o custo médio (preços locais) por caloria consumida. A linha de pobreza não alimentar refere-se ao consumo não alimentar essencial ou básico (MPF, 2004). São considerados pobres aqueles agregados familiares que em média gastam menos que a linha de pobreza total para a satisfação das necessidades básicas e estes são medidos pelo índice de incidência da pobreza.

A incidência da pobreza a nível nacional reduziu de 69.4% em 1996-97 para 54.1% em 2002-3. Esta redução é mais notória nas zonas rurais do que nas zonas urbanas. As reduções consideráveis da pobreza registaram-se em Niassa, Zambézia, Nampula, Tete, Manica e Sofala. Por outro lado, dados sobre o índice de profundidade de pobreza que nos indica a distância a que os pobres se encontram em relação a linha de pobreza (i.e. "quão pobres são os pobres") indicam que os pobres estavam 10.3% abaixo da linha de pobreza, contra 12.6% em 1996/1997. Os dois índices mostram-nos que não só diminuiu a proporção da população pobre como também reduziu a distância a que o consumo médio dos pobres se encontra abaixo da satisfação das necessidades básicas (IAF 2002/2003 e IAF1996/1997).

O HIV/SIDA e a Segurança Alimentar e Nutricional

Com uma taxa nacional de prevalência de 14% entre os adultos e de 500 infecções diárias, o HIV/SIDA já tem um impacto significativo no sector agrícola. A capacidade de muitos agregados rurais de conseguirem acesso adequado a alimentos começa a ficar ameaçada. O HIV/SIDA reduz a força laboral devido



à enfermidade, morte e aos cuidados que é necessário prestar aos doentes. Os bens do agregado são vendidos para fazer face às despesas imediatas com a alimentação e os medicamentos. As estratégias adoptadas pelos agregados para uma colheita (tais como atrasar ou suspender tarefas agrícolas, reduzir a área de cultivo, mudança de culturas para as que requerem menos trabalho) comprometem frequentemente os resultados agrícolas das colheitas seguintes. A morte do marido ou pai é muitas vezes seguida pela remoção dos bens, pelos familiares do defunto, deixando as viúvas e as crianças numa situação precária, que muitas vezes as obriga a recorrer a opções de vida que encerram elevados riscos de exposição ao HIV. Os agregados tornam-se cada vez mais inseguros em termos alimentares, os indivíduos, os agregados e comunidades inteiras tornam-se mais vulneráveis a outros problemas, como sejam as secas ou cheias, e com pouca capacidade de recuperação.

O sector agrícola, como principal pilar da economia em Moçambique, tem um contributo crucial nas respostas que o país pode dar para enfrentar os problemas decorrentes do HIV/SIDA. Mais de 85% dos 3.6 milhões de famílias moçambicanas têm na agricultura a sua principal fonte de subsistência. A segurança alimentar tem um papel fundamental tanto na prevenção como na minimização da doença permitindo também, a fixação das populações nas suas áreas de residência e a continuação da actividade agrícola.

2. Metodologia

A análise de vulnerabilidade de 2004 incluiu uma avaliação quantitativa qualitativa. Na avaliação quantitativa foi utilizado um questionário à nível do AFs com indicadores e objectivos comparáveis de vulnerabilidade e, com variáveis para descrever as causas e a dinâmica da vulnerabilidade familiar. Para a avaliação qualitativa foi elaborado um guião com perguntas chave.

2.1. Amostragem

A amostra foi feita com base nos objectivos da análise. A unidade da amostragem primária para a avaliação quantitativa foi o agregado familiar. (vide anexo 1). Para seleccionar o aglomerado foi usado a amostragem da Probabilidade Proporcional ao Tamanho (PPS). Esta metodologia ajudou a garantir que todas as famílias tivessem mais ou menos igual oportunidade de serem seleccionadas para facilitar a análise porque, na maior parte das vezes, as variáveis não serão medidas individualmente. A lista de aldeias da CENACARTA também tem estimativas do número de AFs de cada aldeia. Quanto mais famílias forem estimadas em cada aldeia, maior será a probabilidade de serem seleccionadas na amostragem. Este tipo de amostragem é normalmente utilizada para avaliação da situação sócio-económica das comunidades rurais em Moçambique.

Os cálculos do tamanho da amostra são baseados na precisão requerida da estatística. Normalmente utiliza-se uma margem de confiança de 95%. Os tamanhos das amostras para variáveis binárias, variáveis contínuas, e a incidência podem ser obtidos do Guia de Amostragem FANTA. (<http://www.fantaproject.org/publications/sampling.shtml>). Foi usado um intervalo de confiança inferior a 5% para se estimar a média de uma variável contínua distribuída normalmente (tal como o consumo de calorias) que requer aproximadamente 450 agregados familiares por área. No total foram identificadas 11 áreas de inquérito.

2.2.Trabalho de Campo

A distribuição geográfica da amostra foi baseada em análises anteriores de vulnerabilidade GAV. Em 2003, 40 distritos foram identificados como sendo vulneráveis à insegurança alimentar devido aos efeitos combinados de seca e do HIV/SIDA. Baseado na análise de vulnerabilidade de 2003 38 distritos foram identificados para análise de vulnerabilidade de 2004 devidos aos efeitos combinados de seca e HIV/SIDA. Por causa da crescente preocupação sobre a redução de rendimento por hectare do milho na campanha 2003-2004, três (3) distritos da Zambézia (Morrumbala, Mopeia, e Magaja da Costa) e o distrito de Cheringoma na província de Sofala foram incluídos na avaliação. No fim, 42 distritos de 7 províncias foram identificados para serem incluídos na avaliação de vulnerabilidade, estando distribuídos da seguinte maneira:

- Maputo (Boane, Magude, Manhiça, Moamba, Marracuene, Matutuíne e Namaacha)
- Gaza (Chibuto, Chigubo, Chicualacuala, Guijá, Mabalane, Mandlakazi, Massangena, e Massingir),
- Inhambane (Govuro, Funhalouro, Inharrime, Inhassouro, Mabote, Massinga, Morrumbene e Panda)
- Sofala (Cheringoma, Chemba, Muanza e Machanga)
- Manica (Guro, Machaze, Macossa e Tambara),
- Tete(Cahora-Bassa, Changara, Chiúta, Mágoè, Zumbo, Moatize e Mutarara)
- Zambézia (Chinde, Maganja da Costa, Morrumbala e Mopeia).

Para a avaliação quantitativa foram envolvidas 22 equipas. Cada equipa era constituída por um supervisor e três inquiridores. Em média, cada equipa tinha que conduzir entrevistas em 15 aldeias e cada enumerador devia entrevistar 5 agregados familiares dia. Deste modo, cada equipe efectuou 225 entrevistas. Entretanto, devido aos problemas relacionados com acesso a algumas aldeias, algumas equipas da Zambézia e Tete foram subdivididas havendo no final 26 equipas. Foram entrevistadas 4950 famílias, representando cerca de 3,5 milhões de pessoas.



Para avaliação qualitativa foram envolvidas 3 de trabalho compostas de duas pessoas em cada equipe (Vide o anexo 2). A amostragem consistiu na escolha aleatória de duas aldeias em cada área de inquérito. Duas equipes trabalharam na zona centro abarcando as províncias de Sofala, Manica, Tete e Zambézia tendo a terceira equipe trabalhado na zona sul abarcando as províncias de Maputo Gaza e Inhambane.

Importa referir que 30 dos inquiridores envolvidos na avaliação quantitativa eram finalistas do curso médio de nutrição do Instituto de Ciências de Saúde de Moçambique. A exposição dos estudantes à problemática de vulnerabilidade dos AFs nas zonas rurais, serviu como base para fortalecimento das aulas teóricas e também de preparação para a actividade profissional o que poderá contribuir para a sustentabilidade do GAV.

De referir que a amostragem aleatória das aldeias foi quase mantida na integra, pois, foi possível conduzir as entrevistas em todas aldeias seleccionadas, com excepção de 26 aldeias maioritariamente na Província de Sofala representando apenas 8% do total das aldeias que tiveram que ser substituídas devido a problemas de acesso.

2.3. Digitação e Limpeza dos Dados

Para a entrada de dados usou-se o programa CS-PRO que produz um relatório de consistência, visto que avalia o processo de entrada e chama atenção para as variações que devem ser objecto de revisão. Antecedendo a entrada de dados efectuou-se a pós-codificação. O sistema de "double entry" e reverificação das fichas de entrada funcionaram de forma eficaz como a primeira fase de limpeza de dados. A interacção contínua entre a equipa de processamento de dados e o GAV facilitou as correcções e clarificações de matérias dúbias.

Análises preliminares foram levados a cabo com objectivo de se ter as primeiras percepções sobre a qualidade de informação. Para tal, foram produzidas tabelas de frequências de principais indicadores. A qualidade da informação espelha-se pela baixa percentagem de "valores perdidos" que se situaram entre 0 a 3 % para a maioria das variáveis testadas.

2.4. Análise dos Dados

A análise de dados foi feita em duas partes. A primeira parte consistiu na análise dos aspectos ligados ao bem estar actual da população, cujos resultados são apresentados por áreas do inquérito. Incluiu-se também a análise comparativa com os resultados de Análise de Vulnerabilidade (AV) de 2003 de modo a identificar os aspectos que mudaram. A segunda parte da análise define e caracteriza os grupos de meios da vida². Analisando os dados com base nos

² A discussão sobre a metodologia para ao agrupamento pode-se encontrar em Anexo 5.

meios de vida, em vez de área geográfica de inquérito, oferece a possibilidade de ter informações suficientes para poder recomendar linhas de intervenções efectivas.

Os resultados da análise providenciam informação sobre os factores que conduzem à elevados níveis de vulnerabilidade de AFs rurais de Moçambique assim como, os mecanismos que os AFs utilizam para fazer face a esta situação. Os agregados familiares foram agrupados tendo em conta as suas formas de vida e os indicadores de impacto seleccionados. Foi realizada uma análise adicional para caracterizar os riscos que os grupos enfrentam, as formas de gestão destes riscos; e os tipos de estratégias sobrevivência utilizadas nos tempos críticos.

3. Conceito de Vulnerabilidade

3.1. Base Teórica

Apesar de existir uma literatura exaustiva sobre vulnerabilidade, é importante esclarecer a abordagem utilizada neste documento. O conceito é fundamental para entender: o desenho e amostragem do estudo, a análise dos dados e, a formulação de recomendações.

Vulnerabilidade é a exposição ao risco e a capacidade de enfrentar estes riscos (susceptibilidade). Exposição é a probabilidade de agregado familiar de ser afectado por um determinado choque enquanto que, a susceptibilidade do agregado familiar representa a capacidade de resistir ao impacto do choque uma vez afectado.

A vulnerabilidade é usada para avaliar o nível de risco que os agregados familiares enfrentam em termos de vidas e, formas³ de vida, tendo em conta as opções dos grupos populacionais em manter as suas formas de vida e obter alimentação adequada após à exposição aos diferentes choques. Os choques variam em termos de magnitude, duração e horizonte temporal. O conceito de vulnerabilidade também refere ao grau de resistência dos agregados familiares e a capacidade dos AFs de manter, a longo prazo, as suas formas de vida e satisfazer as suas necessidades básicas. Sendo assim, vulnerabilidade é um entendimento da habilidade das AFs em lidar e gerir choques e riscos.

Riscos são divididos em cinco categorias, incluindo: saúde; sócio-político; meio ambiente; económico; e climático. Os principais riscos para a população em estudo são **económicos** e **climáticos**, mas também foram considerados riscos de saúde, em particular a doença crónica. Portanto, quando se discute vulnerabilidade, refere-se vulnerabilidade a riscos económicos, climáticos e a

³ Formas de vida tradução da palavra inglesa *livelihoods*

riscos de saúde. A capacidade dos AFs de gerir e ultrapassar os choques depende das formas de vida. As formas de vida são os recursos (capacidades, bens e actividades desenvolvidas) que os AFs utilizam para viver e satisfazer as suas necessidades. Quando os AFs desenvolvem actividades não normais para minimizar os efeitos de um choques, são chamadas estratégias de sobrevivência.

Consideram-se dois tipos de AFs em termos de vulnerabilidade. Os AFs que, quando enfrentam um choque, não tem a capacidade de ultrapassar o choque e, conseqüentemente não satisfazem as suas necessidades. Devido ao impacto do choque e as condições estruturais estes AFs apenas podem recuperar as suas capacidade de satisfazer as necessidades a longo prazo com apoio externo. Estes AFs tem altos níveis de vulnerabilidade. Os AFs que quando enfrentam um choque podem passar um curto período de dificuldades para a satisfação das suas necessidades, mas através de uso estratégias de sobrevivência, podem recuperar as formas de vida normais e manter o bem estar do AF, tem maior resistência e menor níveis de vulnerabilidade.

As ligações e os limites entre os grupos de AFs não são fixos, mas formam uma linha continua, onde os AFs podem tornar-se altamente vulneráveis quando enfrentam choques severos, ou tornarem-se menos vulneráveis devido a melhoria nas opções de formas de vida.

3.2. Como o Inquérito Trata a Vulnerabilidade

A AV 2004 foi desenvolvida baseada neste conceito de vulnerabilidade, capturando os aspectos mais importantes e relevantes para as áreas e populações estudadas. O estudo recolheu informação importante para analisar a vulnerabilidade, incluindo informação demográfica assim como os módulos que estão relacionados com o conceito de vulnerabilidade.

A análise de vulnerabilidade dos grupos de meios da vida inclui as seguintes variáveis: os componentes dos meios de vida; o risco de ser exposto a um choque. O entendimento das diferenças dos níveis de exposição aos riscos e choques e importante para a compreensão dos choques mais frequentes e importantes para cada AF. Outras componentes incluem a informação acerca da gestão de riscos, actividades de mitigação estratégias de sobrevivência. Os resultados de vulnerabilidade podem ser vistos em resultados em forma de bem estar e dieta. Ligando estas componentes na análise é possível descrever melhor a dinâmica entre a vulnerabilidade e a insegurança alimentar em Moçambique.

3.3. Relação com as Recomendações

Os resultados da análise identificaram sete grupos que apresentam diferenças nas suas formas de vida, na gestão de riscos, estratégias de sobrevivência e, nos

indicadores de impacto. Estes grupos estão distribuídos em onze áreas de estudo. Baseado nos grupos de formas de vida identificados, as recomendações serão direccionadas a factores críticos que poderão diminuir a vulnerabilidade dos grupos a diferentes tipos de choques e situações de risco. As recomendações sectoriais referem especificamente as implicações para os diferentes grupos de meios da vida.

4. Indicadores de bem estar

Em algumas secções referentes ao bem estar foram feitas comparações com os dados de AV 2003. As comparações procuram ilustrar mudanças na situação de segurança alimentar, porém reconhecendo a existência de diferenças nas técnicas de amostragem usadas nos dois estudos. Por isso as comparações devem ser vistas em termos de tendências na melhoria da situação de segurança alimentar e não fazer comparações directas.

4.1. Composição do Agregado Familiar

Agregado familiar (AF) é definido como grupo de pessoas que vivem no mesmo tecto e comem da mesma panela. A amostra é composta de 28.680 indivíduos que são agrupadas em 4942 AF. A média de indivíduos por região é 2602, com o máximo encontrado em Gaza Norte⁴ (3340) e o mínimo no Interior Zambézia⁵ com 2209 indivíduos.

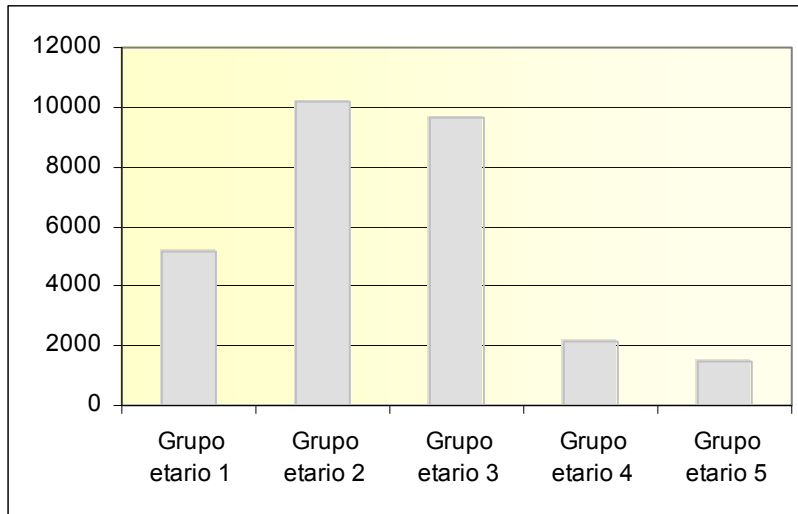
A distribuição das idades da amostra é similar a encontrada em outros estudos. Grupo 1 (0-4 anos) representa 18% da população, grupo 2 (5-17 anos) 36%, grupo 3 (18-45 anos) 34%, grupo 4 (46 – 60 anos) 7% e grupo 5 (>60 anos) 5%. Cinquenta e três porcentos da população é feminina. A diferença é maior no grupo 3 onde homens representam apenas 41% da população

⁴ Gaza Norte ou região 1: abarca os seguintes distritos: Chicualacuala, Mabalane, Massinguir, Massangena e Chigubo.

⁵ Interior de Zambézia ou região 1: abrangindo os distritos de Mopeia e Morrumbala



Figura 1: **Distribuição da Amostra por Grupos de Idade**



O tamanho dos AFs varia entre as províncias com uma média de 4.5 pessoas na Costa de Zambézia⁶ até 7.2 em Sul Gaza⁷. A média geral é de 5.8 com a mediana de 5. A média distorce a realidade e a mediana dá uma visão melhor dos tamanhos devido a existência de 5% dos

AFs com mais de 12 pessoas. O número de pessoas por AF varia de 1 (4%) até 34 (só 1 AF). Vinte e cinco por cento dos AFs são chefiados por mulheres que também varia entre as áreas de inquérito, sendo 48% em no Sul de Gaza até 14% em Tete Oeste⁸. A província de Gaza é por tradição, exportadora de mão-de - obra masculina para países vizinhos ou cidades. Dos AFs da amostra apenas 222 (5%) são chefiados por idosos (>60 anos) e só 6 AF são chefiados por menores, (<18 anos).

Menos de 1 % dos AFs são chefiados por crianças. Segundo o inquérito, 3,5% das crianças são órfãs de mães, e 9,0% são crianças órfãs de pais. A baixa percentagem dos agregados familiares chefiados por crianças pode ser devida a absorção das crianças órfãs pelos familiares ou pelos membros da comunidade.

A taxa de dependência⁹ média para todas as áreas é 1.35. O Oeste de Tete mostrou a taxa mais alta 1.61 e Maputo com a mais baixa 1.18. Quando se calcula a taxa de dependência incluindo doença crónica como dependente (taxa de dependência efectiva), a taxa sobe para 1.48 em media com o Oeste de Tete apresentando uma taxa ainda maior (1.76). A mais baixa continua ser Maputo, mas sobe para 1.26.

A taxa de dependência efectiva¹⁰ maior significa que existem menos adultos activos por AF e, por conseguinte menos mão de obra disponível para a família.

⁶ Costa de Zambézia ou região 2: Chinde e Maganja da Costa

⁷ Sul de Gaza: ou região 2: Chibuto Guijá e Mandlakazi

⁸ Oeste de Tete ou região 1: Cahora bassa, Changara, Magoè e Zumbo

⁹ Taxa de dependência: É a razão entre o número de pessoas activas sobre o número total do agregado familiar.

¹⁰ É a razão entre o número de pessoas activas sobre o número total do agregado familiar incluindo os adultos doentes.

4.2. Saúde

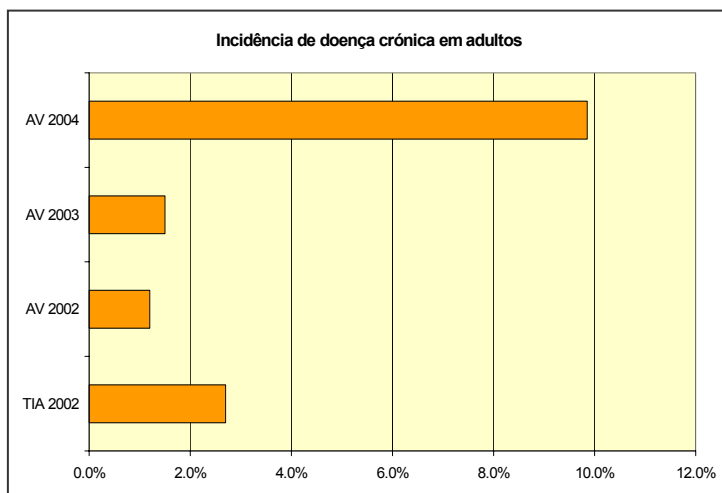
4.2.1. Incidência de doenças e doenças crónicas

A incidência de doenças agudas foi medida tendo em conta o período das “últimas 2 semanas” enquanto que para as doenças crónicas foi utilizado o período de mais de três (3) meses num ano¹¹. Cerca de 27% dos entrevistados afirmaram terem estado doentes nas últimas duas semanas antes da realização do inquérito, dos quais 68% fizeram consulta. Não houve diferença na procura de serviços por género. Existem diferenças significativas entre homens e mulheres com relação à incidência de doenças recentes com 31% de mulheres contra 21% de homens sofrendo de doença nas últimas duas semanas.

A AV notou altas taxas de prevalência de doenças crónicas entre os adultos de primeira idade e chefes de família. Dada a dificuldade em avaliar a presença do HIV/SIDA ao nível familiar, o termo “doença crónica” é geralmente usado, não obstante ser um indicador imperfeito. Foram colocadas duas questões relevantes: “Terá alguém na família ficado doente por mais de três meses no ano passado?”. A outra pergunta dos pesquisadores foi “se algumas das pessoas falecidas no ano passado teriam estado doente por três meses ou mais antes da sua morte”.

As anteriores jornadas da AV não inquiriram se algum membro da família teria ficado doente por três meses no ano passado, mas perguntaram “se algum adulto esteve sem trabalhar por motivos de doença”. Como resultado, as estimativas das “doenças crónicas” entre os membros das famílias dificilmente poderão ser comparadas de forma rigorosa entre as três AVs. Contudo, o TIA de 2002 apresentou a questão da mesma forma da AV 2004. Os resultados de todas as quatro análises estão ilustradas no Figura 2.

Figura 2: **Doenças crónicas em adultos**



Aproximadamente 10% das pessoas estiveram doentes por mais de três meses no último ano, dos quais 83% fizeram consultas com o Serviço Nacional de Saúde (SNS). Na Análise de Vulnerabilidade (AV) do ano passado (Julho de 2003) a taxa de doenças crónicas era de 1.2%. Em relação a incidência de doenças crónicas nos chefes dos agregados

¹¹ Doença crónica é usado como um indicador aproximado para auscultar o HIV-SIDA nas comunidades.

familiares na maioria das áreas não houve diferença entre homens e mulheres chefes exceptuando a área costeira Inhambane (mulheres chefes 27% e homens chefes 14%) e Interior de Zambézia (mulheres chefes 23% e homens chefes 15%). Zambézia teve a maior incidência de doença crónica (15% contra a média de 10% da população na amostragem).

Em ambas categorias o grupo mais propenso a doença (aguda ou crónica) foi o grupo de idosos, com 37% com doença nas últimas 2 semanas e 21% com doença crónica.

4.2.2. Acesso a serviços de saúde

Do total de AFs entrevistados, uma media de 68% das pessoas que tiveram doenças agudas e crónicas procuraram os serviços de saúde. É notável que, com a excepção de interior de Zambézia, mais de 80% da população do estudo usaram o SNS à diferentes níveis, para o caso de doença nas últimas duas semanas e em caso de doença crónica (vide figura 2). Existe uma elevada percentagem de chefes dos AFs com doença crónica (13%) com maior destaque para a Costa de Zambézia e nas duas áreas de Inhambane com 18%, e o mais baixo em Sofala com 5%. Quanto ao tipo de agente consultado nota-se que em Zambézia os AFs recorreram com maior frequência a medicina tradicional. Combinado o tipo de agente consultado e o tipo de doença nota-se que os AFs frequentaram mais os médicos tradicionais no caso de doença crónica e, em particular, nota-se um aumento deste tipo de consulta nas províncias de Tete e Manica.

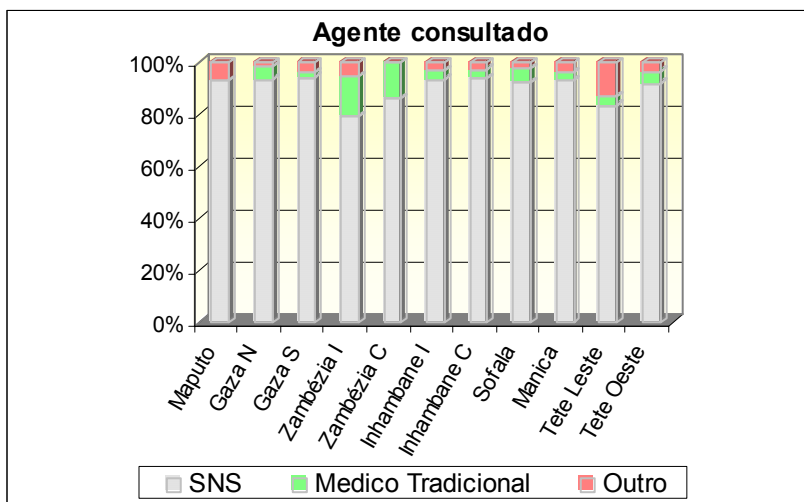


Figura 3: Grupo de agente da medicina consultados

As razões para a não utilização de SNS variam em termos das regiões e também em função da duração de doença. Para as regiões de Maputo, Sul de Gaza, Inhambane Costeira e o Oeste de Tete os custos elevados foram a principal

razão de não procurar tratamento por cerca de 40% da amostragem. Contudo a distância foi a principal razão apresentada para as duas regiões de Zambézia, Interior de Inhambane, Manica e o Leste de Tete¹². No que diz respeito ao

¹² Leste de Tete ou região 2: abrange os distritos de Chiúta, Moatize e Mutarara.

comportamento perante as doenças crónicas aumentou a categoria de "não necessário", talvez por considerarem que não haja resposta nos SNS para a doença que os aflige.

4.2.3. Mortalidade de adultos (18-45)¹³ e infante juvenil (0-4 anos)

Cerca de 6% de AF indicaram morte de um adulto na idade activa¹⁴. As regiões de Maputo (9%), Gaza Norte (7%), Inhambane interior (9%) e Zambézia costeira (9%) com maior percentagem. Isso indica que os AFs enfrentaram um choque que se pode traduzir- num aumento do seu grau de vulnerabilidade devido a perda de mão de obra produtiva.

Mais do que um terço dos AF indicaram a ocorrência de morte de uma criança com 0-4 anos, e 7% ou 67 AF indicaram a morte de mais de uma criança. É notável que a percentagem de AF chefiados por mulheres que indicaram a morte de uma criança é bastante mais baixa do que a média da amostragem, pois a mãe tem um papel preponderante nos cuidados de crianças nesta idade.

4.2.4. Morbidez infante juvenil crianças menos de 5 anos

Cerca de 60% das crianças tem cartão de saúde, mas regista-se diferenças significativas entre as áreas do inquérito, como por exemplo, o Oeste de Tete, Manica e Sofala apresentaram percentagens abaixo de 50% (48%, 43% e 47%) respectivamente. Esta percentagem é substancialmente mais baixa do comparando com a do AV do ano passado onde acima de 80% das crianças possuíam cartões de saúde¹⁵. Quanto a morbidez das crianças, uma média 175 crianças tiveram diarreia nas últimas duas semanas antes do inquérito, representando 17% da amostragem¹⁶. Não há diferenças entre os sexos, e também não há correlação entre chefe de família e morbilidade. Por outro lado a morbilidade também não tem correlação com fonte de água nem com saneamento.

4.2.5. Informações sobre HIV

A maioria das pessoas entrevistada sabia da existência de HIV/SIDA (95%)¹⁷, mas apenas 75% têm conhecimentos sobre os métodos de prevenção sendo o uso de preservativo o método com maior expressão. Em Manica, Tete Leste, Sofala, Inhambane interior e Zambézia interior a limitação de parceiros foi

¹³ Taxas de mortalidade não serão apresentadas neste relatório. Os dados serão re-analisados para posteriormente calcular as taxas de mortalidade infantil e de adultos.

¹⁴ Adulto na idade activa, tem idade compreendida entre 18 a 45 anos.

¹⁵ Alto nível de respostas a pergunta pode significar que os que não apresentaram cartões foram registadas como não tem cartões.

¹⁶ Isto representa um decresimo em relação o ano passado em que 28% das crianças soferam desta doença. Iguamente a alta incidencia de febres (33%) é mais baixo do que no ano passado que foi de 56%. Isto pode ser devido as diferentes grupos etarios utilizados. 2003: 6-59 meses e 2004: 0- 59 meses. Espera-se que menos crianças 0-6 meses irá sofrer destas doenças.

¹⁷ Os resultados do IDS 2003, indicam que 95.6% de mulheres e 97.6% de homens conhecem o HIV/SIDA.

citada em acima de 60% de casos, embora 61% dos AFs na Zambézia consideram a diminuição de parceiros como método de prevenção.

A percentagem de pessoas que dizem conhecer alguém com HIV é extremamente baixa (21%), para total de amostra, sendo mais alta em Manica com 36% o que reflecte o impacto desta doença nesta província. Isto também se reflecte na percentagem de pessoas que conhecem alguém que morreu de HIV/SIDA onde mais de metade da amostragem de Manica responderam que conheceram alguém (52%), contra a média de 33% para as áreas totais do estudo.

A principal fonte de informação para todas as áreas foi a rádio variando de 86% em Sofala até 61% no Norte de Gaza, reflectindo a limitada cobertura das emissões radiofónicas. Seguidamente cada província mostrou diferentes fontes: reuniões comunitárias e família/amigos como as fontes mais comuns. Informação através dos postos de saúde ou activistas de saúde não teve grande significância; menos de 20% dos AFs na maioria das áreas estudadas citaram estas fontes. Com excepção das províncias de Tete e Manica onde as actividades sanitárias são focalizadas nos aspectos de HIV.

Tabela 1: fontes de informação do HIV/SIDA

Regiões	Ouviu falar de HIV/SIDA	Sabe como se pode evitar?		Conhece alguém que actualmente tem HIV/SIDA	Conhece alguém que tenha morrido por causa do HIV/SIDA
		%	N		
Maputo	98%	84%	441	18%	32%
Gaza Oeste	96%	58%	433	16%	35%
Gaza Leste	94%	86%	424	19%	31%
Zambézia Interior	95%	81%	427	31%	33%
Zambézia Costeira	89%	80%	402	13%	24%
Inhambane I	98%	70%	437	11%	26%
Inhambane C	94%	67%	423	16%	33%
Sofala	94%	71%	421	18%	25%
Manica	93%	66%	412	36%	52%
Tete Leste	98%	83%	440	27%	35%
Tete Oeste	98%	84%	441	24%	41%
Total	95%	75%	4701	21%	33%

4.3. Educação

4.3.1. Alfabetização dos adultos

Na amostragem total, dois terços dos homens são alfabetizados (61%) e menos do que um terço das mulheres (26%)¹⁸. Convém destacar que as percentagens de mulheres alfabetizadas são extremamente baixas nas duas áreas de Zambézia (ambas com apenas 11%) e Sofala (8%). Em geral em cada área de estudo a taxa de analfabetismo de mulheres é muito mais alta em comparação com a taxa masculina.

¹⁸ No Inquérito de Agregados Familiares (2003) as taxas de alfabetização são: Mulheres 32% e Homens 63.3%. A diferença pode-se explicar porque a AV apenas foi realizada em zonas rurais, excluindo centros urbanos da amostragem.

4.3.2. Escolaridade das Crianças

Em Maputo, Gaza, Interior de Inhambane e o Oeste de Tete não existem diferenças entre a escolaridade das crianças por sexo, mas nas outras áreas existem, apontando maior percentagem de crianças do sexo feminino sem estudar. A maioria das crianças estuda em escolas públicas, variando entre 95% no interior de Zambézia até 99% no Oeste de Tete. Em termos de desistência não há diferença entre órfãos de mãe, pai ou ambos com outras crianças.

4.4. Água e Saneamento

4.4.1. Principal fonte e tempo gasto na busca de água e saneamento

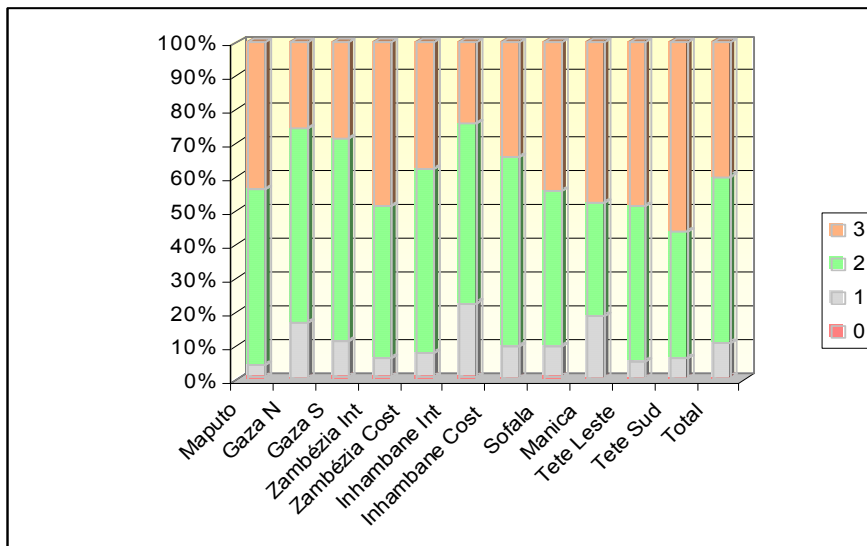
O tempo para buscar a água varia. Nas áreas de Norte de Gaza, Inhambane costeira e Manica as pessoas levam em média uma hora por dia na busca de água. O tempo longo dispensado na busca desse precioso líquido pode prejudicar outras tarefas diárias da mulher como os cuidados infantis, produção agrícola e actividades de rendimento.

Cerca de 45% das famílias têm uma fonte de água segura¹⁹ com o Sul de Gaza a apresentar percentagem alta (53%) e Sofala com a mais baixa percentagem 27%. Em geral a taxa de saneamento seguro é baixa (3,7%), praticando a maioria dos AFs o fecalismo a céu aberto.

4.5. Consumo

4.5.1. Número de refeições

Figura 4: Número de Refeições nas Últimas 24 horas



Noventa e nove por cento dos AFs indicaram ter comido pelo menos uma refeição durante as últimas 24 horas (28 AFs indicaram que não tinham comido) e 90% comeram duas ou mais refeições, com uma média de 2.4 refeições.

¹⁹ Nota. Fonte segura de água: Água canalizada, torneira pública, poço protegido, água comprada à outros, cisterna (coberta). Saneamento – Rede de esgoto, fosse séptica, latrina melhorada.

Os dados do AV de 2003 relataram que 96% comeram pelo menos uma refeição. Esta percentagem não tem uma grande diferença com o resultado obtido neste estudo. A percentagem de AFs que não tiveram refeições no dia anterior apresenta uma menor variação por região.

A variação entre as regiões é notória para os AFs que comeram somente uma refeição. A título de exemplo Maputo e Tete Leste apresenta 4-5% dos AFs enquanto Manica e Interior de Inhambane a percentagem sobe até 19-22%.

4.5.2. Diversificação de dieta

A percentagem de AFs com uma qualidade de dieta muito baixa diminuiu enquanto os AFs com uma dieta aceitável aumentou em comparação com os resultados do AV 2003. Anota-se ainda que o valor médio aumentou.

Por outro lado, verifica-se uma melhoria nas dietas e consumo dos AFs. Apesar de não ter informação sobre o número de refeições por AFs no AV de 2003 as informações ilustradas no gráfico mostram que mais pessoas estão comendo. A proporção do consumo dos alimentos básicos – vegetais e cereais – também aumentou. O mesmo se aplica em relação a carne. Contudo verifica-se uma redução do consumo de leguminosas. (Vide tabela 2)

Tabela 2: **Informações sobre a qualidade da dieta e tipo de produto consumido**

Categoria de dieta	AV 2003	AV 2004	Tipo de Comida	AV 2003	AV 2004
1 (< 12)	54%	40%	Cereais	88%	95%
2 (12-22)	45%	53%	Carne	20%	27%
3 (>22) Aceitável	2%	7%	Vegetais	88%	98%
Contagem média	10.8	13.3	Feijão	57%	50%

5. Situação Financeira

5.1. Fontes de Rendimento

Embora as fontes de rendimento pareçam um conceito simples, a sua medição é delicada por apresentar características dinâmicas e complicadas. Para uma melhor capturação das variações e variabilidade, este inquérito tratou a questão das fontes de rendimento recorrendo a quatro componentes. A primeira componente é a venda de produtos, a segunda é a forma de pagamento, a terceira referem-se as principais fontes de rendimento e a quarta diz respeito a remessas e transferências de dinheiro.

Tabela 3: **Percentagem de AFS que vendem produtos**

Regiões	Algum membro da família vendeu produtos produzidos pelo AF			
	Ninguém	Só homens	Só mulheres	Ambos
Maputo	45%	14%	26%	15%
Gaza Norte	71%	11%	10%	8%
Gaza Sul	83%	4%	10%	4%
Zambézia Interior	36%	24%	7%	33%
Zambézia Costeira	50%	16%	9%	25%
Inhambane Interior	71%	7%	14%	8%
Inhambane Costeira	61%	9%	16%	14%
Sofala	51%	26%	7%	17%
Manica	30%	24%	21%	24%
Tete Leste	52%	26%	6%	15%
Tete Sudo Este	65%	23%	3%	9%
Total	56%	17%	12%	16%

No geral quase metade dos AFs (45%) venderam produtos produzidos pela família. Os principais produtos vendidos incluem produtos agrícolas, animais, peixe, carne, lenha, carvão e bebidas.

A região que mais AFs venderam produtos é Maputo (55%) onde os produtos mais vendidos são os de origem agrícolas, lenha ou carvão. No Sul de Gaza apenas 17% dos AFs indicaram que venderam produtos com particular destaque para animais e produtos agrícolas. A única região em que produtos agrícolas não foram os produtos mais vendidos é Norte de Gaza onde homens e mulheres venderam animais e as mulheres venderam bebidas.

Apenas 8% dos AFs têm um pequeno negócio²⁰ (kiosk, barraca, banca) com o maior incidência em Sofala (12%) e é uma actividade realizada maioritariamente pelos homens. No Sul de Gaza 12% de mulheres e homens tem negócios. Esta percentagem desce para três (3) em Tete Leste e Norte de Gaza, devido a dificuldade de acesso.

Do total da amostra 36% dos AFs tem pelo menos uma pessoa trabalhando fora de casa. Em Maputo essa percentagem chega até a 62% e o Oeste de Tete com 22%. Em Tete Leste, Manica e Gaza Norte a percentagem é igual e, os homens são os que trabalham fora do AF com mais frequência. Além da diferença no número de pessoas por sexo que trabalham fora de casa, a diferença na forma de pagamento é significativa.

A maioria dos homens recebe o pagamento em dinheiro enquanto que as mulheres são remuneradas em dinheiro assim como em espécie. A diferença entre homens e mulheres é significativa, com 50% dos homens pagos em dinheiro e somente 20% das mulheres remuneradas em dinheiro. Isso mostra uma situação em que as mulheres têm menos acesso ao dinheiro, no que refere ao trabalho fora de casa.

²⁰ Esta percentagem representa apenas o negócio formal excluindo o informal.

Dos 80% dos AFs que responderam a pergunta sobre a principal fonte de rendimento para homens, 66% indicaram que é agricultura, seguida por emprego formal e trabalho informal (8%). Dos 88% dos AFs que responderam a pergunta sobre a principal fonte de rendimento para mulheres, 82% indicaram que é agricultura, 5% trabalho informal e menos de 1% (39 AF) citaram o emprego formal.

No entanto convém mencionar que muitos AFs têm mais de uma fonte de rendimento. Tendo em conta as quatro principais fontes de rendimento a agricultura abrange 80% dos AFs. Trabalho informal é importante para 16%, pecuária para 13%, comércio 11%, emprego formal 9% e a pesca para apenas 5%. Sete por cento dos AFs não indicam nenhuma fonte de renda principal. Dos AFs que indicam uma fonte principal 62% tem uma fonte, 33% tem duas fontes e apenas 5% tem mais do que duas.

A situação em Maputo é diferente comparando com as outras regiões, por ter maior diversificação de fontes, assim como por ser a única região em que agricultura não é a fonte de rendimento mais citada. Em todas as outras regiões a agricultura é a fonte mais citada por homens e mulheres.

5.2. Remessas e transferências

Vinte e dois por cento dos AFs receberam remessas durante os últimos 12 meses antes da realização do inquérito. Porém existem grandes variações entre as regiões e para os AFs chefiados por mulheres. Em Maputo e o Sul de Gaza quase 40% dos AF receberam remessas enquanto que no Interior de Zambézia, e as duas regiões de Tete a percentagem é inferior a 10. O primeiro caso (da zona sul de Moçambique) reflecte a migração de mão de obra masculina para África do Sul e para os centros urbanos das províncias de Sul incluindo Maputo. Enquanto que os níveis baixos de remessas em Tete devem-se ao colapso económico no vizinho Zimbabue. A média de AFs chefiados por mulheres que receberam remessas é de 34% e não se registaram diferenças significativas em cinco regiões estudadas contra 18% verificada nos homens. Em Maputo até 47% dos AFs chefiados por mulheres receberam remessas. 11% dos AFs fazem transferências para fora, sendo mais alto em Inhambane costeiro (21%), indicando consideráveis níveis de intercâmbio ainda entre campo e cidade (vila).

5.3. Despesas

As despesas podem ser utilizadas como uma aproximação para entender o nível de rendimento de um AF. Analisaram-se oito categorias de despesas: Energia, transporte, educação, limpeza (sabão, detergente), cerimónias, saúde, insecticida (produtos agro-químicos), roupa e comida. A situação encontrada nas zonas rurais demonstra uma fraca circulação de dinheiro o que quer dizer que com falta de dinheiro muitas pessoas têm despesas monetárias limitadas. Produtos como sabão e detergentes foram os bens mais comprados pelos AFs

enquanto insecticida, cerimónias, roupa e transporte foram as despesas declaradas por um número reduzido da população. Mas mesmo nos casos dos AFs que gastam em despesas não-alimentares, os montantes são mínimos.

5.4. Bens

Tabela 4 apresenta a posse de bens de consumo na amostra. Foram considerados 2 tipos de bens que têm importância em termos de formas de viver e a habilidade de ganhar a vida. Assim 95% dos AFs têm instrumentos agrícolas e 41% tem bicicletas. De referir que 21% dos AFs não têm nenhum dos bens que estavam na lista (isso não inclui instrumentos agrícolas). Essa variação é entre 11% em Maputo até 28% em Zambézia Costeira e 31% no Oeste de Tete. É notável a diferença em termos de bens entre AF chefiados por homens e mulheres. As colunas em baixo mostram que a situação para os AF chefiados por mulheres encontram-se numa situação mais difícil, provavelmente reflectindo o limitado acesso ao dinheiro.

Tabela 4: **Distribuição de Bens de Consumo**

Região	% com Instrumentos Agrícolas	% com Bicicleta	% Sem Nada
Maputo	89	26	11
Gaza Norte	91	39	18
Gaza Sul	95	21	18
Zambézia Interior	99	60	25
Zambézia Costeira	93	38	28
Inhambane Interior	95	18	17
Inhambane Costeira	95	30	13
Sofala	96	58	21
Manica	95	70	20
Tete Leste	96	53	26
Tete Sudoeste	98	43	31
Chefe Mulher	91	21	35
Total	95	41	21

5.5. Poupança e Pensão

A percentagem de AFs com pensão é baixa sendo apenas 4%. Excepto a província de Maputo que apresenta a maior percentagem na ordem de 15% indicando níveis consideráveis de trabalhadores reformados do sector formal. Quanto a poupança 30% dos AFs declararam ter uma poupança que servem como uma protecção para o AF quando enfrentam um choque que dificulta a forma de vida. As famílias com poupanças têm mais opções de respostas á choques.

No interior de Zambézia 72% dos AFs têm poupança contra apenas 10% em Tete. Nota-se que existem mais AFs que emprestaram dinheiro do que AFs com poupança (37% dos AF), indicando que mesmo não tendo poupança os AFs ainda têm algum dinheiro disponível para emprestar. A variação entre as regiões é de 14% em Tete Oeste e 57% em Inhambane Interior. Para o caso dos

AFs chefiados por mulheres apenas 24% declararam ter poupança e 34% fizeram um empréstimo.

Tabela 5: **Porcentagem de AF com Poupança e que Emprestaram Dinheiro**

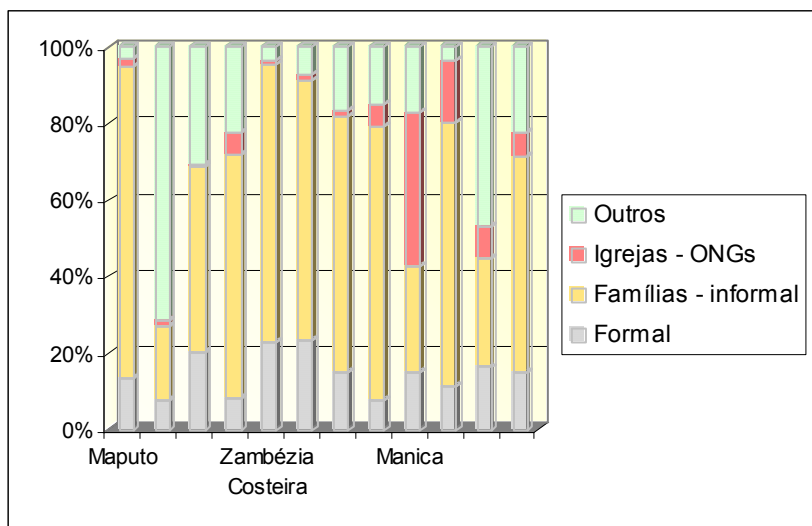
Região	% AF com Poupança	% AF que Emprestou Dinheiro
Maputo	22	29
Gaza Norte	25	38
Gaza Sul	32	39
Zambézia Interior	72	45
Zambézia Costeira	43	49
Inhambane Interior	36	37
Inhambane Costeira	20	57
Sofala	15	23
Manica	49	47
Tete Leste	11	27
Tete Oeste	10	14
Total	30	37

5.6. Crédito

Em média de 36% dos AFs têm acesso a pelo menos um tipo de crédito, mas o acesso varia muito de região para região. Sessenta e oito (68%) dos AF em Inhambane Costeira tem acesso a crédito enquanto que em Inhambane Interior e Tete Leste mostram uma média de 14 – 15%. Quanto aos AFs chefiados por mulheres 38% tem acesso ao crédito como resultado do crédito rotativo informal (Xitique).

Não existem diferenças com os AFs chefiados por mulheres em termos de tipos de crédito. Crédito formal inclui bancos e outros empréstimos feitos através de um processo formal. Crédito formal parece ter abrangido cerca de 20% dos AF em no Sul Gaza, Zambézia Costeira e Interior de Inhambane. Crédito informal inclui o concedido por amigos/famílias e Xitique, deparando-se que o mesmo é mais fácil e com termos mais favoráveis. Nas oito regiões estudadas a fonte principal do crédito é a família. Nas regiões de Gaza Norte e Tete Sudoeste, as Igrejas são também fontes importantes, e em Manica são as ONGs.

Figura 5: Proporções de Fontes de Crédito



6. Agro-pecuária

6.1. Pecuária

A maior posse de gado bovino por família, observa-se em Maputo (10 por AF). Enquanto que a concentração de AFs com gado bovino muito acima da média (12%) encontram-se no Norte de Gaza (38%), na região Oeste Tete 24% e no interior de Inhambane com 18%. A mais baixa posse de gado bovino está em Sofala (3%). As regiões de Inhambane tem a maior percentagem de AFs com suínos (44% interior , 42% costeiro).

A posse de caprinos, tem maior destaque em Manica, Leste de Tete e Norte de Gaza onde mais de 50% dos AFs possuem-nos, contra a média de 44% da amostra.

No que diz respeito a posse de galinhas nota-se que Oeste de Tete tem menos de 60% com este tipo de animais como resultado de doença de Newcastle. Nas restantes regiões mais de 65% de AFs possuem galinhas. A média da amostra é 71%.

Tabela 6: Posse de animais

Regiões	Bovino		Suino		Ovino-caprino		Galinha		Outros Aves ²¹	
	%	# ²²	%	#	%	#	%	#	%	#
Maputo	8%	10	8%	2	38%	6	65%	6	30%	4
Gaza 1	38%	6	5%	3	52%	6	68%	6	10%	4
Gaza 2	16%	4	37%	2	44%	3	67%	5	27%	4
Zambézia 1	0	0	16%	4	30%	4	72%	7	16%	7
Zambézia 2	0	0	3%	1	6%	3	73%	2	15%	4
Inhambane 1	18%	4	44%	2	44%	3	75%	7	17%	4
Inhambane 2	11%	3	42%	2	51%	3	80%	8	19%	3
Sofala	3%	5	14%	3	52%	6	79%	8	10%	4
Manica	8%	5	18%	3	68%	6	82%	10	15%	4
Tete 2	7%	5	20%	2	52%	5	66%	4	8%	3
Tete 1	24%	4	21%	2	49%	6	56%	4	8%	4
Total	12%	4	21%	2	44%	5	71%	6	16%	4

Quanto a venda de animais, mais de um quarto de AFs vendem caprinos nas regiões de inquérito das províncias de Tete, Manica, Sofala. Nota-se um considerável aumento de venda de caprinos em Manica devido a existência de maior número de efectivos e maior demanda nessas regiões do país. Em relação aos suínos, no geral menos de 10% dos AFs vendem.

A posse de galináceos constitui um determinante de rendimento das famílias rurais. Nota-se que acima de um quarto dos AFs inquiridos venderam galinhas (21%). A maior percentagem de AFs que vendem galinhas encontra-se em Manica (41%) seguido de Sofala e Zambézia interior (32%). Maputo e a região Sul de Gaza, tem a mais baixa percentagem de AFs que venderam galinhas nos últimos doze meses.

6.2. Produção

Nesta secção debateremos alguns indicadores básicos que tem a ver com a diversificação da produção e o estado actual das culturas. Como as culturas produzidas variam muito por região (e.g. em Maputo 91% dos AF plantam milho e ninguém semeia mapira enquanto que em Zambézia Costeira 86% plantam arroz e apenas 18% semeiam milho), as culturas foram agrupadas por tipo²³ para o melhor da diversificação e dos sistemas de produção.

Os dados sobre os tipos de produção seguem as tendências vistas em outros inquéritos como o TIA 2003. A média de AFs que produzem cereais é 95%. Com a excepção de Inhambane Interior (88%), as outras regiões tem pelo menos 90%

²¹ Coelhos, Gansas, Patos, Perus

²² Mediana só para os AF com tal animal

²³ Os grupos são: cereais, feijão, mandioca e batata doce, hortícolas, culturas de renda, frutas, e árvores (cajeiros e coqueiros).

dos AF a produzir cereais. A produção de mandioca e batata doce também é alta (62%) com excepção das duas regiões de Tete onde se encontram menos de 25% dos AF a produzir tubérculos.

Tabela 7: **Percentagem de AF com Produção por Tipo de Cultura**

Regiões	Cereais	Feijão	Mandioca ou Batata Doce	Culturas de Rendimento	Horícolas	Frutas	Coco ou Castanha
Maputo	91	61	69	11	31	12	0
Gaza Norte	98	76	42	7	66	0	0
Gaza Sul	89	72	80	4	9	8	1
Zambézia Interior	98	41	78	8	14	4	0
Zambézia Costeira	93	25	99	1	0	2	0
Inhambane Interior	88	73	84	10	10	4	0
Inhambane costeira	90	80	90	7	11	8	15
Sofala	99	30	51	12	21	2	0
Manica	99	46	52	13	36	23	12
Tete Leste	99	20	24	12	26	3	0
Tete Sudoeste	98	16	10	9	16	0	0
Total	95	49	62	8	22	6	3

Houve um aumento considerável na produção de batata doce e mandioca, que pode ser interpretado como um resultado positivo dos programas de multiplicação de ramas e estacas de mandioca do plano de acção para a mitigaçào.

A produção de culturas de rendimento²⁴ mesmo sendo baixa (8%) é distribuída por todas as regiões com excepção de Gaza Sul (4%) e Zambézia Costeira (1%).

Os agregados familiares chefiados por mulheres ou os que têm alguém doente tem mais plantações de mandioca e batata doce (69 e 67%) que são culturas que necessitam de menos mão-de-obra. Os AFs chefiados por mulheres têm também mais plantações de feijão (56%) e menos culturas de renda (5%). Os AFs chefiados por idosos não mostram diferenças.

Tabela 8: **Situaçào da Colheita por Região**

Região	% Já fez colheita	% Ainda tem para colher
Maputo	54	70
Gaza Norte	34	94
Gaza Sul	84	66
Zambézia Interior	66	78
Zambézia Costeira	94	98
Inhambane Interior	73	79
Inhambane Costeira	51	80
Sofala	83	92
Manica	72	84
Tete Leste	5	97
Tete Sudoeste	54	80
CM	62	78
Total	61	83

Como este inquérito foi feito em Abril informações sobre a quantidade produzida não vão dar uma visão realística da situaçào actual no campo, pois a presente época chuvosa começou com cerca de dois meses de atraso, havendo por isso culturas em campo, quando normalmente elas já deveriam ter sido colhidas. Como muitos AFs ainda não tinham feito a colheita foi importante ter uma ideia

de quantos AFs ainda tem machambas por colher. Tabela 7 mostra então a

²⁴ As culturas de rendas não alimentares, pois culturas como feijão, amendoim, e cereais tem dupla função: alimentar e rendimento.

situação em Abril²⁵. No total, 83% dos AF ainda têm cereais para colher referentes a primeira época.

Mesmo que os números variem por regiões, Gaza Sul mostra a percentagem mais baixa, com 66% dos AFs que ainda tem culturas para colher. Agregados familiares chefiados por mulheres estão dentro do mesmo padrão com 62% que já colheram e 78% que ainda tem culturas por colher. Também não há diferenças entre AFs chefiados por idosos ou pessoas com doenças crónicas. A perspectiva da produção aponta para um cenário de boa colheita, tendo em conta as tendências pluviométricas de chuvas contínuas e bem distribuídas que se manteve até meados de Maio. Esse aspecto associado a nova estratégia dos camponeses em semear/plantar de forma contínua poderão ser responsáveis pela melhoria da produção.

Tabela 9: **Duração de reservas nos celeiros.**

Duração	AV 2003	AV 2004
< 1 mês	79%	61%
1-3 meses	13%	23%
4-6 meses	5%	9%
>6 meses	3%	7%
AF com reservas ou para colher	66%	88%

Seguindo essas informações sobre as reservas as perspectivas da população são bem melhores com base no período actual em que foram feitos os inquéritos. O número de AFs

com menos de um mês de reservas baixou enquanto que o número de AFs com reservas ou com alguma coisa ainda para colher aumentou. Mesmo que o inquérito tenha sido realizado em períodos diferentes há indicações de que a duração de celeiros melhorou, assim como as perspectivas futuras devido as sementeiras contínuas.

6.3.Terras

Não existem diferenças significativas entre AFs chefiados por mulheres e os chefiados por homens no que respeita ao acesso a terra. A estratégia adoptada pelos camponeses de ter uma ou mais machambas nas zonas baixas e altas ajuda a assegurar a produção agrícola numa das machambas, na presença de um choque (cheia, seca ou ciclone).

Em geral a maioria dos AFs têm pelo menos uma machamba (menos de 2% em cada área não tem machamba, com excepção de Maputo com menos de 5% sem machamba). Um terço dos AFs têm até duas machambas e menos de 10% tem mais do que duas machambas. Nas áreas de estudo, a maioria dos AFs possuem uma machamba nas terras altas (64%), enquanto 16% possuem mais do que uma, e 18% não tem machambas nas terras altas. Em Inhambane Interior assim como em Manica, quase 30% dos AFs possuem mais do que uma machamba em terras altas. Entretanto, 30% de AFs em Gaza norte e 25% na região Sudoeste de Tete não tem machambas em terras altas.

²⁵ As culturas incluídas no cálculo são: milho, mapira, mexoeira, arroz, feijão, mandioca, batata doce e amendoim.

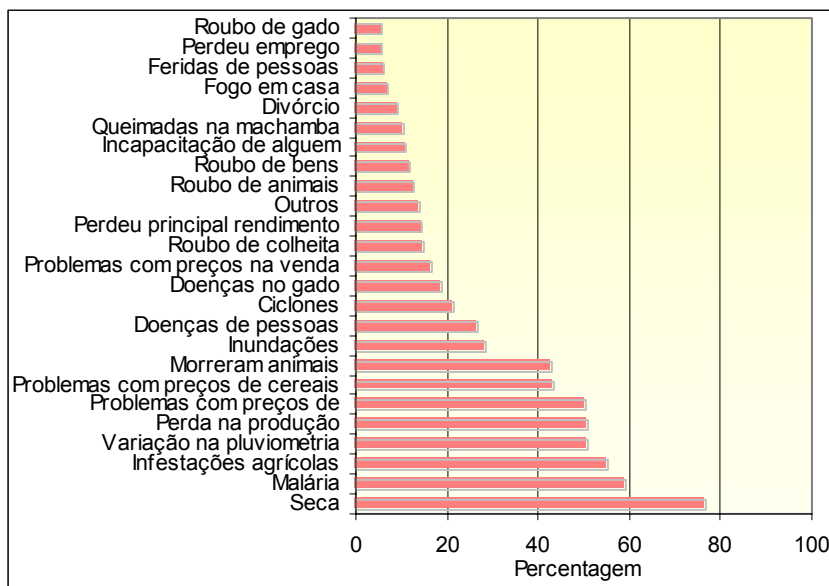
O acesso as terras baixas, é no geral relativamente limitado. 60% de AFs não possuem machambas nas terras baixas, enquanto que somente 34% tem uma machamba nas terras baixas e menos de 10% tem mais do que uma machamba nas baixas. Nota-se que muitos AFs das duas regiões de Zambézia possuem machambas nas terras baixas, cerca de 70% seguida de Maputo 45%.

7. Choques e Respostas

7.1. Choques

A seca representa o choque mais citado. Este resultado era de se esperar, devido a selecção das áreas de estudo²⁶. A malária é também vista claramente como uma doença que tem um impacto na segurança alimentar do AF com 50% dos AF a indicarem como perigo. De referir que menos de 20% dos AF citaram perda de principal fonte de rendimento como um choque, enquanto mais do 40% indicaram problemas com os termos de troca de produtos agrícolas.

Figura 6: Principais riscos citados pelos AFs.



As diferenças em relação aos agregados chefiados por mulheres são poucas. O número médio do total de choques para mulheres é 6.5 e para homens 6 o que não é significativo.

Em termos regionais nota-se que os preços para a compra de cereais

representam um choque determinante para os AFs na região Sul de Moçambique (Maputo 70%, Gaza 80%, e Inhambane 50%). Os AFs na zona sul dependem do mercado para complementar as necessidades alimentares. Daí que estes AFs serão vulneráveis a mudanças significativas de preços.

²⁶ Um dos critérios usados na amostragem foram áreas afectadas pela seca.

7.2. Respostas

Tabela 10: Percentagem de AFs que passaram por um período de stress

Regiões	A família passou um período este ano durante o qual não foi possível alimentar todos os seus membros e teve que utilizar estratégias alternativas para sobreviver (foro do normal) nos últimos 12 meses?		
	Mulheres	Homens	Total
Maputo	36%	28%	30%*
Gaza Norte	71%	67%	68%*
Gaza Sul	76%	80%	78%*
Zambézia Interior	51%	34%	37%
Zambézia Costeira	33%	30%	31%*
Inhambane Interior	21%	14%	16%*
Inhambane Costeira	47%	54%	52%*
Sofala	41%	43%	43%*
Manica	68%	43%	50%
Tete Leste	30%	34%	33%*
Tete Sudoeste	54%	42%	44%*
Total	49%	42%	44%

Cerca de 44% dos AFs indicaram que passaram um período de stress alimentar extrema durante os últimos 12 meses. As famílias chefiadas por

mulheres reportaram mais incidência de stress alimentar (49%).

As principais estratégias para enfrentar o stress alimentar estão frequentemente relacionadas a alimentação e com medidas de curto prazo como reduzir o número de refeições e baixar a qualidade de refeições com mais do que 70% dos AF utilizando esta estratégia durante o ano passado seguido da compra de alimentos praticada por mais do que 60% dos AF.

Sendo a principal estratégia de todos os AFs reduzir a qualidade e quantidade de dieta, existem diferenças significativas entre as estratégias utilizadas pelos AFs chefiados por mulheres e os chefiados por homens. É notável que a compra de alimentos é uma estratégia mais utilizada pelo AF chefiado por homens (CM 56% e CH 63%), tal como o aumento de pesca e caça (CM 9% e CH 15%). Isso faz sentido pois, conforme mencionado anteriormente os homens tem mais acesso ao dinheiro.

A tendência de consumir sementes destinado a plantação é comum para ambos os tipos de AFs, sendo ligeiramente mais alto para o caso dos AFs chefiados por mulheres. Esta é uma tendência preocupante que reflecte a débil situação dos AFs chefiados por mulheres indicando que têm fracas alternativas de estratégias.

8. Características gerais dos Grupos de Modos de vida

Foram identificados sete grupos de modos de vida (livelihood groups) diferentes. Estes são definidos pelos modos de vida e suas habilidades em produzir ou comprar alimentos suficientes para satisfazer suas necessidades alimentares. O Anexo 4 explica o método e as variáveis usadas para definir os grupos.

As opções para os AFs manterem as suas vidas são limitadas pelo clima, ambiente natural, infra-estrutura etc. A maioria dos AFs são agricultores e muitos têm pecuária. Emprego e vendas são outras actividades que os AFs realizam para sobreviverem. Como os AFs juntam e combinam as várias opções de ganhar a vida chamamos de modos de vida. A habilidade que os AFs têm para enfrentar os choques dependem do seu modo de vida.

Os grupos são descritos e organizados de forma a indicar a ordem crescente de estabilidade dos mesmos. Contudo, quer no primeiro grupo assim como no último grupo, existem AFs que podem sofrer efeitos de choques multi-facetados. Os diferentes indicadores não foram analisados de forma isolada, mas sim como um conjunto de indicadores para entender como esses interagem a fim de descrever o retrato geral dos grupos, (vide anexo 6 para mais informações acerca da caracterização dos grupos)

Os grupos identificados são:

Grupo 1: Agricultores de Subsistência deficitários

O sistema de produção é limitado com 65% produzindo cereais e 51% mandioca ou batata doce. A metade também produz feijão. O grupo apresenta a menor taxa de acesso a terra visto que têm apenas uma machamba situada na zona alta, que produz menos durante os anos de seca. A pecuária é limitada.

Grupo 2: Agricultores de subsistência básica

O sistema de produção é concentrado na produção de cereais. A produção de feijão é baixa com 36% dos AF a produzir. O mesmo acontece com a produção de mandioca e batata-doce que é praticada apenas por 26% dos AFs. Possuem machambas nas terras altas e algumas em terras baixas. Pecuária é limitada a suíno, galinhas e caprinos/ovinos.

Grupo 3: Agricultores dependentes de cereais

Agricultores de subsistência, grandes produtores de cereais mas **sem mandioca ou batata doce**. O agregado tem uma machamba nas zonas altas. Alguns AFs produzem hortícolas. Pecuária é limitada a suíno, galinhas e caprinos/ovinos.

Grupo 4 : Agricultores com o Sistema de Produção diversificado e com oportunidades de trabalho informal

O sistema de produção é diversificado produzindo cereais, feijão, mandioca ou batata doce e ainda hortícolas. Tem em média uma machamba nas terras altas embora alguns AFs tenham também nas zonas baixas. A maioria dos AFs praticam a pecuária.

Grupo 4 é diferenciado dos outros grupos pela importância do trabalho informal para os AFs. As fontes de rendimento principais são o trabalho informal e agricultura para os homens e mulheres.

Grupo 5: Agricultores com o Sistema de Produção diversificado e animais

O sistema de produção é diversificado, com 55% dos AFs produzindo cereais, feijão, mandioca ou batata doce. Produzem mais hortícolas comparando aos outros grupos. Os AFs cultivam em média 1.1 machambas em terras altas e 0.6 nas terras baixas.

A Pecuária é mais importante para esse grupo comparativamente aos outros. Todos tem gado bovino, alguns suínos, galinhas e muitos AFs tem ovino/caprinos.

Grupo 6: Agricultores auto-suficientes com rendimento agrícola

O sistema de produção é diversificado, com todos os AF produzindo muito cereais e mandioca ou batata doce. Cerca de 55% produzem feijão e 17% hortícolas. Os AFs cultivam pouco mais da média, com uma machamba nas áreas altas e alguma nas áreas baixas.

Grupo 7: Agricultores com o Sistema de Produção diversificado, rendimento do emprego formal e remessas

O sistema de produção é diversificado, com a maioria (76%) dos AFs produzindo cereais, mandioca ou batata doce, feijão (65%) e hortícolas (27%). O número de machambas cultivadas é igual a média nas terras altas e baixas. Pecuária é diversificada. Cerca de 15% dos AFs possuem bovinos sendo a posse dos outros animais similar aos outros grupos. Um dos membros do AF tem emprego formal.

8.1. Localização dos grupos

Os grupos de modos de vida estão distribuídos de uma forma não proporcional ao longo das áreas de inquérito. A concentração dos vários grupos varia, (vide Tabela 11). O grupo 1 está concentrado nas áreas de Inhambane Interior e norte de Gaza. Os grupos dois encontram-se em Sofala, Tete leste (Mutarara, Moatize, e Chiuta), enquanto que o grupo 3 (três), concentram-se nas duas áreas de Tete. Encontram-se mais AFs pertencentes ao Grupo 4 em Sofala embora existam distribuído de uma forma homogénea nas áreas de inquérito.

O Grupo 5 (cinco), encontra-se em Inhambane interior seguido de Gaza, e o Grupo 6 em Inhambane costeiro e Gaza Sul. Finalmente, O grupo 7, apresentando AFs próximo das zonas urbanas e com emprego formal tem maior concentração em Inhambane costeiro e Maputo.

Tabela 11: **Distribuição dos grupos por região.**

Grupo	Maputo	Gaza 1	Gaza 2	Zambézia (I)	Zambézia (C)	Inhambane (I)	Inhambane (C)	Sofala	Manica	Tete 2	Tete 1
1	9%	6%	12%	2%	3%	9%	28%	9%	12%	5%	4%
2	7%	4%	6%	4%	3%	2%	7%	28%	15%	19%	6%
3	8%	3%	5%	6%	0%	1%	4%	11%	18%	32%	12%
4	10%	1%	10%	3%	5%	4%	21%	22%	9%	11%	6%
5	7%	13%	17%	0%	0%	8%	21%	5%	8%	8%	13%
6	9%	1%	12%	12%	12%	5%	25%	11%	7%	6%	1%
7	25%	3%	8%	2%	4%	6%	30%	9%	4%	4%	4%

Em termos de distribuição proporcional dos grupos e população por cada área de estudo, (vide Anexo 5). De um modo geral tem-se mais pessoas pertencentes ao grupo 6 (seis) (variando de 4% a 68%).

8.2. Aspectos-Sócio-Demográficos

Tabela 12 apresenta algumas características sobre os chefes dos agregados por grupo. Nota-se que no grupo 1, de subsistência extremamente deficitária, quase 40% dos AFs são chefiados por mulheres. Quanto a escolaridade e alfabetização menos de 50% dos chefes são alfabetizados ou estudaram nos grupos 1 a 2, enquanto que mais de 50% nos grupos 3 a 7 (com excepção do grupo 6) os AFs são alfabetizados. Esta diferença profunda sustenta a ideia de que a educação é importante para melhorar a situação dos AFs.

Tabela 12: Situação dos Chefes de AFs

Grupo	% AF Chefiado por Mulher	% Chefes Alfabetizados	% Chefes que Estudaram
1	37%	40%	44%
2	20%	42%	46%
3	24%	49%	54%
4	22%	51%	55%
5	17%	56%	57%
6	28%	45%	50%
7	21%	67%	69%

Tabela 13: Percentagem de AF por Categoria de Tamanho AF

Grupo	% de pessoas por AF		
	até 6	6 a 9	>= 10
1	72	20	8
2	59	28	13
3	74	21	5
4	68	22	10
5	41	31	28
6	73	19	8
7	58	27	16

Há uma grande diferença entre os tamanhos dos AFs. Grupos 1, 3 e 6 têm em média menos pessoas e a variação entre os AF é menor, ou seja, há muitos AFs com até 6 pessoas, e poucos com mais de 9. O Grupo 5, (dos criadores de gado), tem em média 8 pessoas por AF e têm quase 30% dos AF com mais de 9 habitantes.

Tabela 14: Percentagem de adultos doentes nas últimas duas semanas

Grupo	% Número de adultos doente nas últimas 2 semanas		
	0	1 e 2	> 2
1	47	52	1
2	47	51	2
3	52	46	2
4	50	47	3
5	42	52	6
6	45	53	3
7	48	49	3
Total	47	50	3

Do total dos entrevistados, 27% de adultos ficaram doentes nas últimas duas semanas. Porém quando estes são agrupados em AFs, o número de AF com um adulto doente é alto. 50% de adultos dos AF no grupo 4 estavam doentes nas últimas 2 semanas e no grupo 5 a percentagem é de 58. Isso quer dizer que as doenças não estão distribuídas uniformemente nos AFs, mas que alguns AFs

estão muito mais susceptíveis às doenças.

Tabela 15: Doenças Agudas

Grupo	Doente	Fez Consulta	Tipo de Consulta			Porque Não Fez		
			SNS	Médico Tradicional	Outro	Não era necessário	Muito cara	Muito distante
1	28%	57%	93%	4%	3%	22%	32%	24%
2	26%	66%	88%	6%	6%	23%	20%	27%
3	27%	65%	93%	4%	4%	23%	13%	35%
4	26%	71%	90%	4%	6%	27%	19%	32%
5	23%	68%	92%	3%	4%	29%	21%	26%
6	30%	72%	88%	8%	4%	28%	21%	31%
7	23%	72%	95%	2%	3%	36%	27%	22%

A tabela 15 mostra as percentagens de pessoas com doenças agudas e o nível de acesso para cada grupo. Essas tabelas são por indivíduo e não por AF. O mais interessante aqui não são as taxas de doenças que variam pouco, mas as percentagens de pessoas que fizeram consultas. Nota-se que o grupo 1 para além de ter a menor percentagem de pessoas fazendo consultas, o motivo apresentado foi de que a consulta era muito cara (32%). Entretanto, 72% dos indivíduos do grupo 7 fizeram consulta em detrimento de 27% que não fizeram a consulta por motivos de altos custos da consulta.

Tabela 16: Doenças Crônicas

Grupo	Doente	Fez Consulta	Tipo de Consulta			Porque Não Fez		
			SNS	Médico Tradicional	Outro	Não era necessário	Muito cara	Muito distante
1	10%	79%	93%	4%	3%	0%	48%	28%
2	9%	79%	78%	19%	3%	4%	12%	48%
3	12%	77%	92%	5%	3%	15%	11%	63%
4	9%	85%	92%	7%	1%	5%	57%	14%
5	10%	78%	87%	7%	6%	18%	24%	24%
6	12%	88%	85%	11%	4%	13%	38%	40%
7	8%	85%	95%	3%	3%	22%	56%	11%

Tabela 17: Percentagem de chefes do AF doente por 3 meses, no ultimo ano

Se o chefe passou 3 meses ou mais doente		
Grupo	não	sim
1	86	14
2	88	12
3	87	13
4	89	11
5	88	12
6	85	15
7	89	11
Total	87	13

O número de pessoas procurando tratamento para doenças crônicas é mais alto do que para doenças agudas mas, os números seguem a mesma tendência das doenças agudas onde os primeiros grupos têm menor percentagem de pessoas que fizeram consulta. O custo foi o motivo mais indicado para a não realização de consulta. Por exemplo grupo 1 (48%) e grupo 4 (57%). Para grupos 2 e 3 o motivo limitante foi a distância, tanto para doenças agudas como para as crônicas. O número de chefes que estão com doenças crônicas não varia muito entre os grupos. Grupo 7 e 4 mostram uma taxa de 11% e grupo 6 de 15%. Enquanto os rácios de dependência²⁷ variam um pouco, os rácios de dependência efectiva aumentam entre 8-10%.

²⁷ Rácio de dependência: é a razão entre o número de pessoas economicamente activas e de dependentes.

Tabela 18: **Percentagem de morbidez das crianças e acesso a VITA**

Grupo	Febre	Diarreia	C/ cartão de saúde (<5)	Vit A ao menos uma vez (< 5)
1	48	19	63	87
2	47	26	62	87
3	43	25	59	83
4	52	26	65	84
5	50	25	67	86
6	54	25	67	86
7	51	24	74	80

A morbidez das crianças < 5anos de idade (febre e diarreia) não apresenta a mesma variabilidade por grupos. O grupo 6 mostra maior incidência de morbidez e o grupo 3 a menor. O mesmo acontece com as

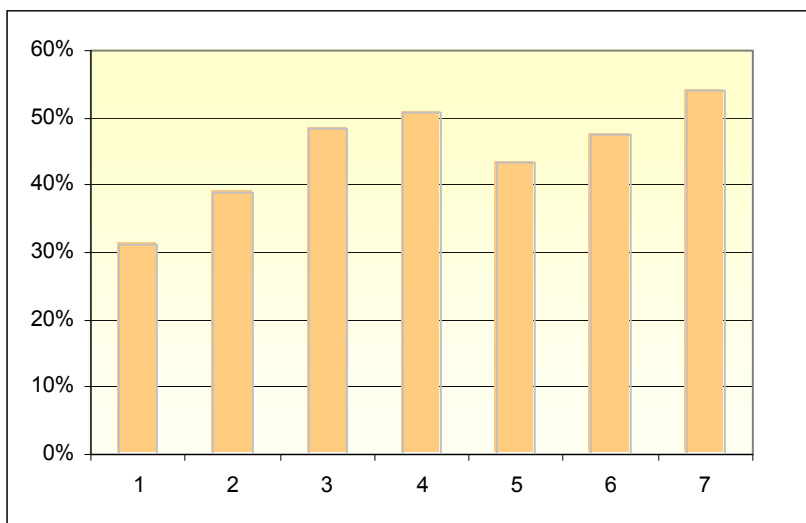
crianças que tomaram a vitamina A pelo menos uma vez (que não tem variações significativas dentro dos grupos). Indicando que a campanha de administração de Vitamina A está abrangendo todas as crianças.

Tabela 19: **Acesso de crianças a educação e despesas**

Grupo	% Frequentou		% Actualmente		Mt materiais por criança		Mt matrícula por criança	
1	1263	67	1259	72	825	16	793	32
2	1193	66	1191	70	757	14	743	34
3	1093	65	1087	69	686	17	668	30
4	1275	63	1273	67	767	15	758	35
5	1472	73	1471	76	1051	17	1022	40
6	2820	66	2804	71	2820	14	1794	34
7	839	74	844	80	603	22	574	54

Há diferenças também na percentagem de crianças que frequentam a escola com 70% das crianças no grupo 2 matriculado este ano, e 80% no grupo 7.

Figura 7: **Agregados Familiares com Conhecimento de 2 ou mais Maneiras de Evitar HIV**



Dos 3540 AF que responderam a pergunta de como evitar HIV, 71% conhece pelo menos uma maneira. A Figura 7 mostra a percentagem de AFs que conhecem pelo menos duas maneiras de evitar a infecção. O conhecimento varia entre 30% no grupo 1 até 55% por grupo 7.

8.3. Aspectos Sócio-Económicos dos Grupos

Fontes de rendimentos

Os AFs possuem vários meios para a sua subsistência. As principais fontes de rendimentos que diferenciam mais os grupos são: para mulheres, agricultura, ganho-ganho e pecuária e para os homens agricultura, ganho-ganho, pecuária e emprego formal. Figura 8 mostra as principais fontes para as mulheres e Figura 9 para os homens. Para todos os grupos salvo 4 e 7 a principal fonte de rendimento é agricultura. Grupo 4 é caracterizado pela importância de ganho-ganho para mulheres e homens, enquanto que o grupo 7 é caracterizado pela existência do emprego formal que é uma actividade quase exclusivamente masculina.

Figura 8: Fontes de Rendimento Principais - Mulheres

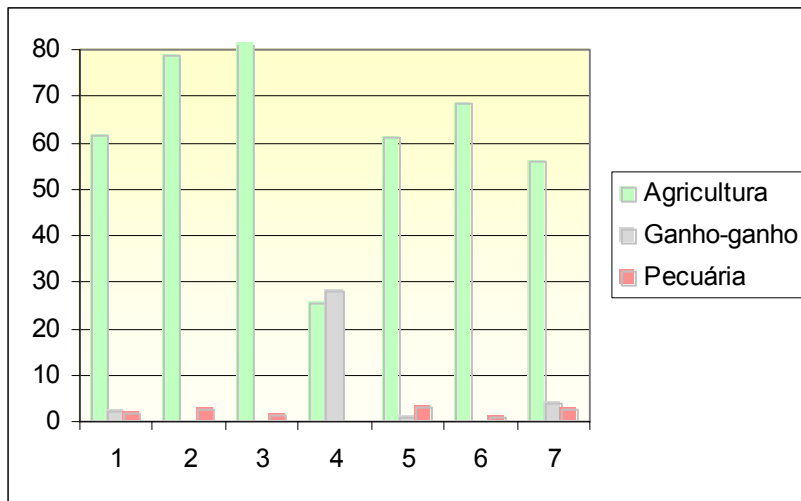


Figura 9: Fontes de Rendimento Principais - Homens

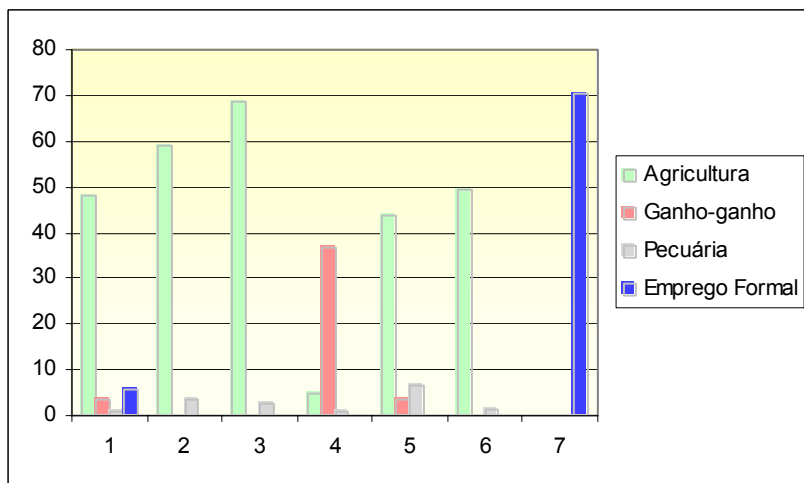


Figura 10: Acesso a Dinheiro - Homens

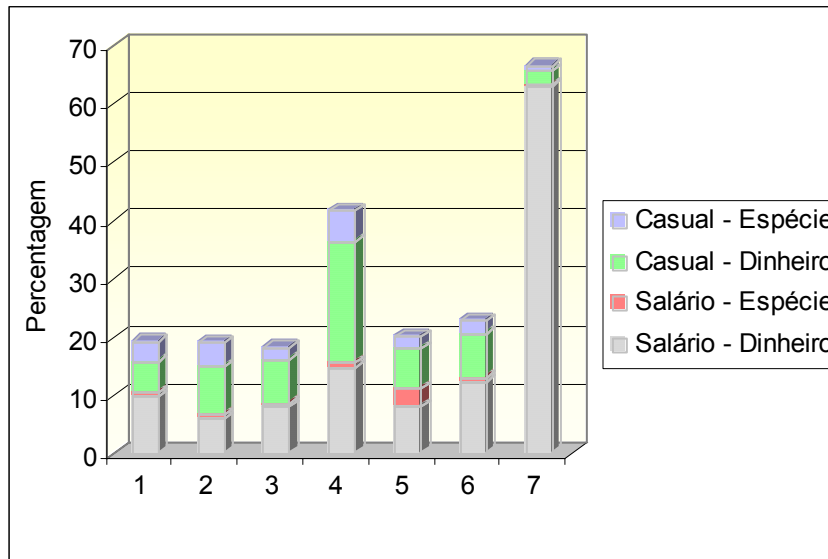
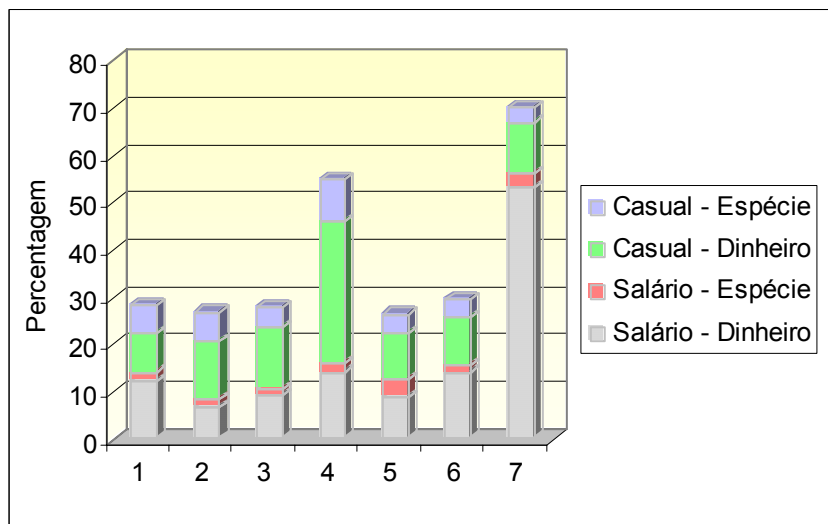


Figura 11: Acesso a Dinheiro - Mulheres



Para todos os grupos os produtos mais vendidos são produtos agrícolas seguido pela venda de animais. Grupo 7 tem as vendas mais diversificadas, sendo bebidas, alimentos e peixe. No total 98.5% dos AF indicam que tem pelo menos uma fonte de rendimento.

Crédito, Remessas e Transferência.

Remessa é um factor crítico para muitos AFs e nota-se que a frequência de remessas aumenta nos grupos de vulnerabilidade moderada a menor, assim como a transferência de dinheiro. Tabela 20 mostra as diferenças onde grupos 2 e 3 têm poucas remessas e poucas transferências, enquanto que os grupos 5 e 7 têm uma alta taxa de ajuda. Os grupos 5 e 7 concentram-se na zona sul do País, onde por tradição estas províncias são exportadoras de mão de obra para a África do Sul.

Tabela 20: **Receita de Remessas e Transferências**

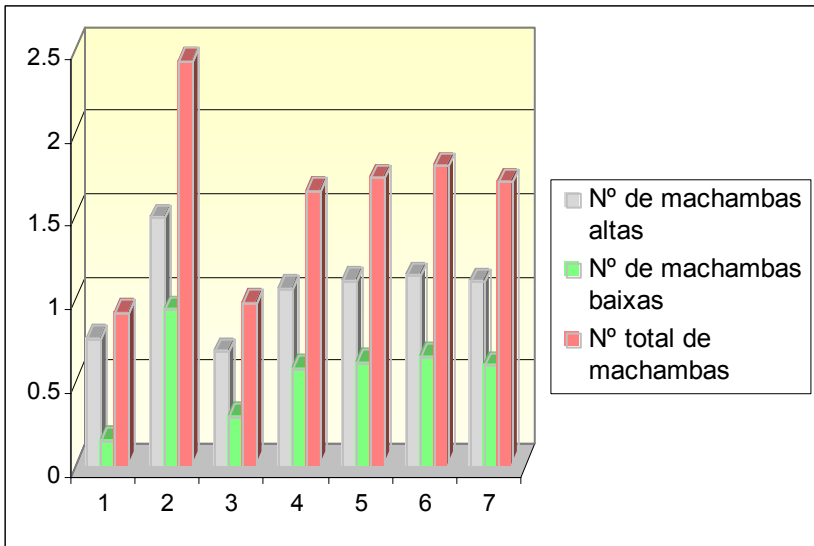
Grupo	Remessas	Transferências
1	22	8
2	14	7
3	11	5
4	23	13
5	28	17
6	23	11
7	37	20

Acesso ao crédito é uma estratégia que os AFs usam nos tempos difíceis. Acesso a crédito varia entre 20% para grupo 2 a 53% para grupo 7. As fontes de crédito variam sendo o crédito informal o mais comum para todos os grupos.

Os sistemas de Produção

Os sistemas de produção são importantes para diferenciar os grupos. As decisões que os AFs tomam em relação às estratégias de produção tem um grande impacto na habilidade de enfrentar os choques com sucesso. Os cereais são culturas básicas para consumo, em alguns grupos (1 a 3) a diversificação de culturas é limitada no seu sistema de produção. No grupo 1 apenas 65% dos AFs produzem cereais enquanto quase 100% dos AFs nos outros grupos produzem cereais. As outras culturas de grande importância são a mandioca e batata doce, com maior variação no cultivo. De realçar que no grupo 3 nenhum AF produz mandioca e batata-doce enquanto 100% de grupo 6 tem mandioca ou batata doce. Os grupos 1 a 3 são os que menos produzem tubérculos.

Figura 12: **Acesso à Terra**



Encontrou-se uma variação significativa no acesso à terra. A Figura 12 apresenta a média do número de machambas cultivadas pelos AFs. Grupos 4 – 7 não apresentam muitas diferenças, e a maioria das pessoas cultiva mais de uma machamba. No grupo 2 todos os AFs cultivam 2

machambas ou mais muito embora esse grupo não tenha uma diversificação na produção, dependente de cereais. Grupos 1 e 3 mostram o pior acesso à terra e são também os que têm menos diversificação no sistema de produção.

Animais

A Posse de bovino é concentrada no grupo 5 em que 100% dos AFs tem gado. A grande maioria dos AFs neste grupo também tem suínos, caprino-ovinos e galinhas. Grupos 1 e 3 tem menos de todos os tipos de animais e menos de 60% dos AFs tem galinhas. A diferença maior entre os grupos é a posse de animais, pois para quem possui animais, contam mais uma fonte de rendimento.

Bens

A posse de bens é diferenciada entre os grupos. A média geral de posse de ferramentas agrícolas é 96% tendo o grupo 1 uma percentagem de 89%. A posse de bicicletas varia entre os grupos mas não tem uma relação forte com os tipos de vulnerabilidade além do facto que grupo 1 tem bicicletas em 26% dos AF e a média é 41%. Porém a diferença no número total de bens é significativa e varia de menos de 2 para os mais vulneráveis para mais de 3 para os menos vulneráveis.

8.4. Gestão dos Riscos

A gestão de riscos depende da habilidade do AF de diminuir os impactos de um choque. O inquérito abordou seis tipos estratégias de gestão de risco durante os últimos 10 anos²⁸. O número total de estratégias implementadas pelos AF é muito diferente entre os grupos. Cinquenta por cento de AFs nos grupos 1 – 3 não tomaram nenhuma medida para a gestão de risco, enquanto só 30% de grupo 7 não fez nada. Vinte por cento de AFs do grupo 7 implementou 3 estratégias ou mais, e no grupo 1 somente 10% dos AFs.

Agruparam-se as estratégias em 3 grupos: emigração, mudanças na produção agrícola e mudanças nas fontes de rendimento. Grupos 5-7 mostraram ter mais respostas positivas para todos os grupos de estratégias. Grupo 7 que depende muito de emprego formal indica que 20% dos AF mudaram de tipo de emprego durante os últimos 10 anos.

O nível de participação em grupos ou associações tem uma relação com os grupos. Embora o inquérito não providencie informações sobre os benefícios das associações a variação no nível de participação é grande. Dentro de grupo 3, 41% dos AF fazem parte de associações, enquanto que 65% dos AF no grupo 5 são membros.

8.5. Choques

A amostragem foi direccionada para as áreas que foram mais afectadas por secas e não deve ser surpreendente que o choque mais comum para todos os

²⁸ Os choques abordados no inquérito foram: entre outros, a seca, inundações, irregularidade das chuvas, ciclones, fogo e queimadas, infestação de pragas, doenças de animais, doenças ou ferimento do membro do AF, malária, divórcio, desemprego, roubos, perdas pos-colheita, preços.

grupos é seca (77%). No geral os tipos de choques mais enfrentados não variam muito entre os grupos. Além de seca, malária, problemas com infestações agrícolas, problemas com os preços de alimentos perda de produção e a morte de animais foram os problemas mais citados.

Os riscos mais comuns são os que afectam a comunidade ou região inteira. Uma análise dos riscos idiossincráticos (que afectam o AF) indica que não varia muito entre os grupos, mas que existem grupos que sofreram mais desse tipo de choque, como grupo 2 em que 14% dos AF tiveram alguém incapacitado e o grupo 1 em que pessoas em 18% dos AF perderam a fonte de rendimento principal. Os grupos que dependem de outras fontes de rendimento para além da agricultura citaram mais problemas como preços na compra de cereais. Mesmo que os choques não variam muito entre os grupos, pode-se notar uma diferença entre AF que sofrem mais choques em relação a capacidade de alimentar a família. Foram discutidos 25 possíveis choques. A média e a mediana do número do choques é 6 com o mínimo de 0 (3%) e o máximo de 19 (3 AF). A média varia entre os grupos com o grupo 3 com média de 5.4 e grupo 5 com média de 7.5. As pessoas que enfrentaram mais choques têm mais dificuldades e alimentação a família.

Figura 13: Dificuldades com a Alimentação por Número de Choques

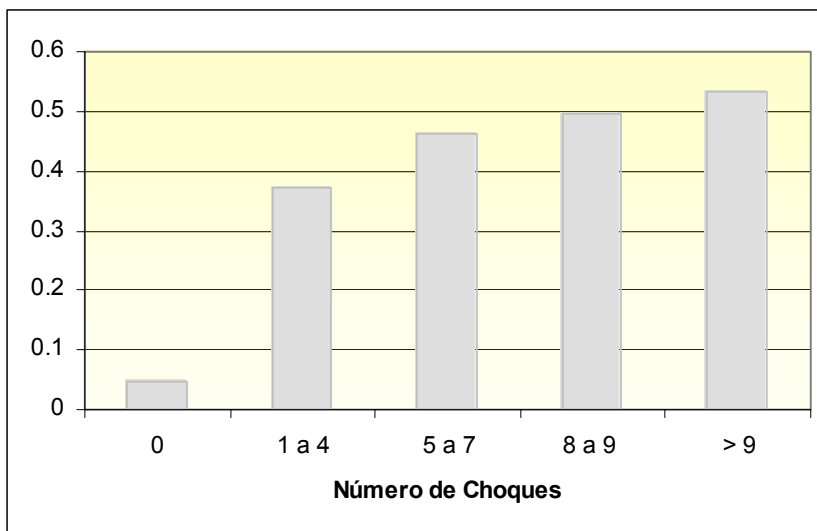


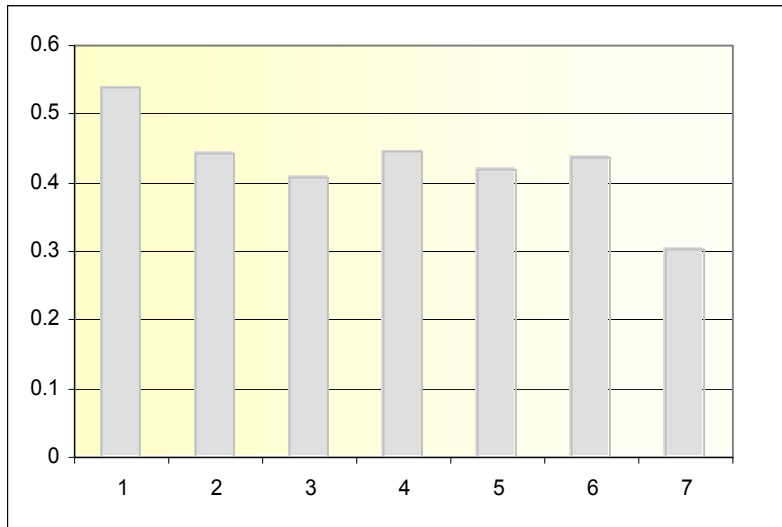
Figura 13 mostra uma forte relação linear entre o número de choques e a habilidade do AF alimentar-se. Existem alguns AFs que mesmo que não tenham citado ter enfrentado um choque tiveram dificuldades na alimentação. O mais importante e relevante para nossos fins é que o

tipo e o número de choques não varia muito entre os grupos. Quer dizer que grupo 1 não apresenta uma situação muito diferente do grupo 7 em termos de choques. Existe, entretanto diferenças significativas na habilidade das famílias em lidar com o choque. Por exemplo, no grupo 1, AF enfrentando mais de 4 choques, mais de 65% tiveram dificuldades em alimentar as suas famílias. Para outros grupos as dificuldades na alimentação ocorreram apenas ao enfrentar o oitavo choque.

Estratégias de Sobrevivência

A Figura 14 apresenta a percentagem de AF por grupo que não foi possível alimentar todos os membros do AF. Mais de 50% dos AFs no grupo 1 passaram por dificuldades em comparação com 30% do grupo 7.

Figura 14: Dificuldades na Alimentação



Para além da diferença no número de AF com dificuldades, os AFs com dificuldades também apresentam diferenças nas respostas entre os grupos. Existem vários tipos de estratégias para diminuir os impactos de um choque com algumas estratégias sendo mais negativas que outras. Por exemplo, o uso de

economias para comprar alimentos tem implicações muito diferentes que passar o dia sem comer. Em termos de respostas, os grupos nas situações mais difíceis (e.g., 1, 2,3) respondem aos problemas com estratégias mais severas. Por exemplo, mais de 70% do grupo 1 passaram pelo menos um dia sem comer enquanto menos de 50% do grupo 7 adoptaram a mesma estratégia. As respostas mais comuns para grupo 1 são o consumo de alimentos de fome e passar o dia sem comer e para grupo 7 são a compra de alimentos e a utilização de economias.

8.6. Insegurança Alimentar

Tabela 21: Qualidade da Dieta

Grupo	Média	Mediana
1	10.3	9
2	10.9	10
3	11.9	12
4	13.6	12
5	14.2	14
6	15.1	14
7	15.9	16

Insegurança alimentar é uma função dos choques enfrentados por um AF, seu modo de vida e gestão de riscos, e a sua habilidade de responder com estratégias de sobrevivência. Um dos indicadores usados para avaliar a insegurança alimentar foi a qualidade da dieta²⁹. Para mais informações vide anexo 3.

²⁹ Menos de 12 pontos = Dieta de muito baixa qualidade; Entre 13-24 pontos = Dieta de baixa qualidade; e acima de 24 pontos = Dieta Aceitável, extraído de "Avaliação do Instrumento rápido para determinar a qualidade de dieta dos agregados familiares em, Moçambique, por Diego Rose.

Tabela 21 apresenta os pontos da qualidade. Nesse caso a mediana é uma melhor medida para entender a variação entre os grupos que vai de 9 pontos para grupo 1 até 16 pontos para grupo 7. Nenhuma dessas medianas atinge o nível de uma dieta aceitável.

Figura 15: **Categorias de Qualidade de Dieta**

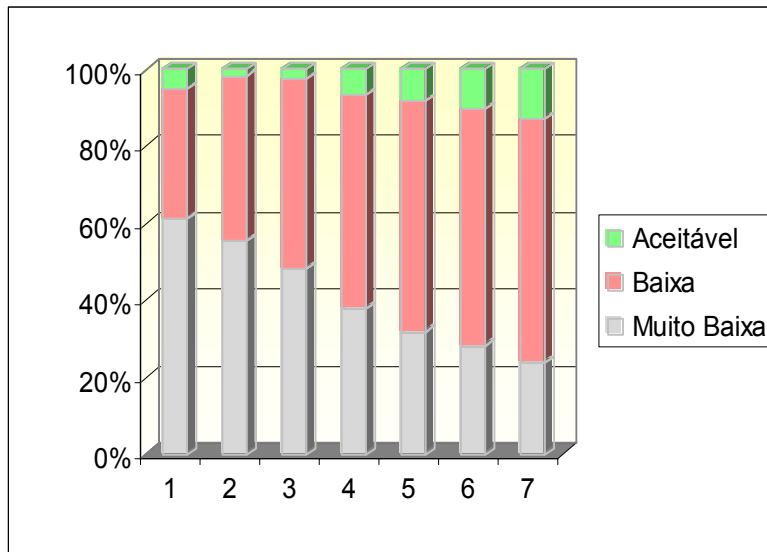


Figura 15 mostra a qualidade de dieta por categorias. A percentagem de AF que tem uma dieta de muito baixa qualidade é 60% para o grupo 1 e 23% para o grupo 7. Reparamos aqui uma diferença grande entre os grupos em termos de todas as categorias. Porém, talvez o mais importante é que mesmo no grupo 7, que em quase todos os

indicadores mostra um perfil menos problemático, ainda existe uma elevada percentagem de AFs que consomem dieta de muito baixa qualidade.

8.7. Graus de Vulnerabilidade

Existem indicações de que a época agrícola 2003/04 parece bem sucedida comparando com os anos anteriores. Um dos indicadores de vulnerabilidade é a insegurança alimentar. Grupos frequentemente atingidos por choques são incapazes de satisfazer as suas necessidades alimentares. Para estes grupos, mesmo com choques menores podem diminuir a sua habilidade de obter alimentos. Grupos de modos de vida que muitas vezes são capazes de mitigar os riscos ou estarem preparados para responder a um iminente choque têm um nível de vulnerabilidade baixo. Estes grupos podem estar temporariamente incapazes de obter alimentos e melhorar o consumo.

Porque o estudo foi conduzido nas zonas rurais e dependentes da agricultura, tudo o que contribui para uma campanha agrícola promissora, melhorará a situação dos AFs. Contudo, é sabido que existem outros factores que afectam a habilidade dos AFs de satisfazer as suas necessidades de consumo.

A participação dos AFs em programas de Comida pelo Trabalho, dá uma ideia sobre a natureza de vulnerabilidade dos grupos de modos de vida. Embora não se tenha informação sobre quando é que participaram, sabe-se que a percentagem que actualmente participam e são exclusivamente AFs pertencentes aos grupos com alto grau de vulnerabilidade. Quase 60% de AFs

vivem em áreas onde existe programas para mitigação dos efeitos da seca. O nível de participação é elevado para os grupos de modos de vida com grau alto de vulnerabilidade, mas acima de 70%.

Não existe uma só característica para que se defina que um grupo de modos de vida tem baixa ou alta vulnerabilidade, mas sim se consideram todas as características. O tipo de informação usada para a definição do grau de vulnerabilidade inclui: meios de vida, gestão de risco, estratégias de sobrevivência, nível de risco, e informação actual sobre a dieta. Porque consideramos todos os grupos, alguns partilham as mesmas características. Por exemplo, olhando só para a qualidade de dieta, o grupo 3 parece relativamente bem. Mas quando as outras características são analisadas em conjunto, como a diversificação de culturas, gestão de risco, estratégias de sobrevivência, e fontes de rendimento que possuem, tem muito em comum com os grupos altamente vulneráveis.

8.8. Grau de Vulnerabilidade dos Grupos

Esta secção caracteriza o grau de vulnerabilidade de cada grupo. Informação adicional sobre os grupos está no Anexo 6.

8.8.1. Grupo 1

Considerado um grupo com um *grau de vulnerabilidade extremamente alto*.

- Encontram-se neste grupo AFs com o elevado índice de dieta muito baixa.
- Os AFs são capazes de produzir ou comprar apenas 70% das necessidades alimentares e 44% só comeram uma refeição nas últimas 24 horas.
- Cerca de 40% dos AF são chefiados por mulheres e o nível de alfabetização dos chefes é baixo.
- As formas de vida são limitadas e têm pouca diversificação. Trabalho fora do AF é baixo e vendem menos que os outros grupos. As Fontes de rendimento são limitadas.
- A produção de cereais e mandioca é baixa, eles cultivam pouca terra.
- Poucos AFs praticam a pecuária e a posse de bens é baixa.
- As medidas tomadas para diminuir os riscos são as que tem a ver com agricultura e migração indicando que mesmo tentando minimizar o risco esse grupo é limitado à agricultura.
- As estratégias mais comuns são drásticas indicando que os AFs têm poucas opções quando enfrentam um choque.

8.8.2. Grupo 2

Grupo com um *grau vulnerabilidade muito alto*.

- O nível de alfabetização dos chefes é baixo.
- A mediana do valor da qualidade da dieta é 10, as pessoas são capazes de produzir ou comprar apenas 85% das necessidades alimentares e 26% comeram uma só refeição nas últimas 24 horas.
- Não tem muita diversificação nas formas de vida. O trabalho fora do AF é baixo e poucos AFs recebem remessas.
- Todos produzem cereais com a metade cultivando mandioca e poucos plantando feijão; Esse grupo cultiva mais terras que os outros nas zonas altas e baixas mas citam problemas como pragas e precipitação irregular que baixaram a produção.
- O grupo tem poucos animais mesmo que mais de metade tinha ovinos-caprinos; e em geral a posse de bens é baixa.
- As medidas tomadas para diminuir os riscos têm a ver com agricultura e migração indicando que mesmo tentando minimizar o risco esse grupo é limitado à agricultura. Metade dos AF participam em associações. As estratégias mais comuns são drásticas incluindo a venda de animais e animais reprodutores o que reflecte a baixa posse de animais actualmente.

8.8.3. Grupo 3

Considerado um grupo com *grau de vulnerabilidade alto*.

- O nível de alfabetização dos chefes é baixo.
- A mediana do valor da qualidade da dieta é 12, as pessoas são capazes de produzir ou comprar 97% das necessidades alimentares e todos os AF este grupo comeram pelo menos duas refeições nas últimas 24 horas.
- O acesso para tratamento de saúde é limitado pela distância. O trabalho fora do AF existe, mas não é a principal fonte de rendimento, ocorrendo ocasionalmente. Poucos AFs recebem remessas ou transferências de dinheiro. O acesso ao crédito é muito baixo.
- Os AF plantam só cereais e pouco feijão. Ninguém planta mandioca ou batata doce e eles cultivam pouca terra.
- A pecuária é muito limitada e tem menos bens que os outros grupos.
- As estratégias mais comuns incluem o consumo de alimentos de fome e passar o dia sem comer.

8.8.4. Grupo 4

Grupo com *grau de vulnerabilidade moderada intermédia*

- A mediana do valor da qualidade da dieta é 12, as pessoas são capazes de produzir ou comprar 92% das necessidades alimentares e 95% dos AF comeram pelo menos duas refeições nas últimas 24 horas.
- O grupo é diferenciado pela dependência no trabalho informal que é importante para as mulheres assim como para os homens. Remessas não são muito importantes, mas quase 40% dos AFs têm acesso á crédito.
- O sistema de produção é diversificado com cereais, mandioca e hortícolas sendo produzido por muitos AFs. Quase 60% dos AFs participam em associações ou grupos. A estratégia de sobrevivência mais comum é comprar alimentos.
- Metade dos agregados possuem animais.

8.8.5. Grupo 5

Considerado um grupo com *grau vulnerabilidade moderada baixa*

O nível de alfabetização dos chefes é superior a média.

- A mediana do valor da qualidade da dieta é 14, as pessoas são capazes de produzir ou comprar 84% das necessidades alimentares e 92% comeram pelo menos 2 refeições nas últimas 24 horas.
- Mesmo que a agricultura seja uma fonte de rendimento importante, a venda de animais é mais comum que a venda de produtos agrícolas. Tem mais acesso ao crédito formal que os outros grupos.
- A posse e a diversificação de animais é alta, e todos AFs têm bovinos e mais de três quartos tem suínos, galinhas, ovinos e ou caprinos. Dois terços usou pelo menos uma estratégia na gestão de risco nos últimos 10 anos. A participação nas associações é alta. As estratégias são parecidas aos grupos com grau de vulnerabilidade alta com excepção da venda de animais (45%).

8.8.6. Grupo 6

Grupo com *grau de vulnerabilidade baixa*.

- A alfabetização dos chefes é baixa e os índices de doenças agudas e crónicas são os mais altos dos grupos assim como a incidência de doenças nas crianças.
- A mediana do valor da qualidade da dieta é 14, as pessoas são capazes de produzir ou comprar 98% das necessidades alimentares e todos os AFs comeram pelo menos duas refeições nas últimas 24 horas. Mais de 50% dos AFs vendem produtos por eles produzidos.

- Todos os AFs produzem cereais e mandioca ou batata doce e 55% produzem feijão. Cerca de 65% dos AFs realizaram pelo menos uma actividade para minimizar os seus riscos e 62% participam em associações ou grupos.
- Mais que 50% dos AFs vendem produtos agrícolas, animais e bebidas tradicionais
- A estratégia mais comum é a compra de alimentos.

8.8.7. Grupo 7

Considerado um grupo com *grau de vulnerabilidade muito baixo* no estudo.

- O grupo mostra a taxa mais alta de alfabetização dos chefes. Acesso aos serviços de saúde é maior.
- A mediana do valor da qualidade da dieta é 16, a mais alta de todos, as pessoas são capazes de produzir ou comprar 93% das necessidades alimentares e 94% comeram 2 ou mais refeições nas últimas 24 horas.
- Emprego formal é a única fonte principal citada pelos homens e apenas 39% dos AFs vendem produtos. Quase 40% dos AFs recebem remessas e 20% uma transferência de dinheiro. Quase a metade dos AFs têm uma poupança e mais de 50% têm acesso ao crédito.
- O sistema de produção é muito diversificado produzindo cereais, mandioca, batata doce, feijão e hortícolas.
- Os AFs realizam várias actividades para diminuir o nível de risco.

8.9. População presente em situação de insegurança alimentar, em risco e sua Localização

De modo a fornecer estimativas da população presentemente em situação de insegurança alimentar, o GAV utilizou os seguintes indicadores:

- Qualidade de dieta pobre (<12)
- Ausência de reservas alimentares
- Ausência de culturas ainda por colher

A população com estas dificuldades foi cruzada com os sete grupos de subsistência. Entre os sete grupos, os Grupos 1, 2 e 3 são caracterizados por ter limitada diversificação de padrão de cultivo e fracas opções de rendimento. Pelo facto dos grupos 1, 2 e 3, dependerem largamente de uma agricultura de pequena escala e enfrentam as dificuldades acima referidas (dieta pobre, sem reservas de alimentos e sem culturas ainda por colher) a sua situação de segurança alimentar encontra-se em risco. Estas famílias possuem poucas opções para a sua sobrevivência necessitando as vezes de uma forma de ajuda de emergência a curto prazo. Um total de 108.000 pessoas dos Grupos 1, 2 e 3 encontram-se nesta situação e necessitam de assistência de emergência

até a próxima colheita, Tabela 22. Os membros dos outros Grupos 4, 5, 6 e 7 enfrentam os mesmos problemas, mas possuem outros recursos tais como animais, trabalho informal, remessas ou salários do trabalho formal para ultrapassar estas dificuldades. (Estes grupos são vulneráveis a outros riscos e poderão necessitar outro tipo de assistência; vide a secção das recomendações).

Dentro dos três primeiros grupos, um segundo grupo foi igualmente considerado “aqueles com uma dieta pobre e sem culturas nas machambas, mas com três meses de reservas de alimentos”. Sugere-se que este grupo poderá eventualmente esgotar os seus recursos a qualquer momento até Setembro. Por isso, mais 94,000 pessoas dos Grupos 1, 2 e 3 poderão vir a necessitar de ajuda de emergência a partir de Outubro de 2004 até Março de 2005. O GAV irá cuidadosamente monitorar este segundo grupo, especialmente na luz das grandes melhorias que poderão ter ocorrido depois da pesquisa em Março/Abril. As chuvas prolongaram e as perspectivas em relação a segunda época são boas em muitas regiões. Assim, uma parte deste segundo grupo poderá satisfazer as suas necessidades alimentares sem ajuda externa.

Do total da população que poderá necessitar de assistência de emergência, 50% provem do Grupo 1, 20% do Grupo 2, e 30% do Grupo 3. A figura 16 ilustra o cenário por província e período, enquanto que a tabela 22 (na página seguinte) apresenta a situação por grupos de modo de vida e distrito.

Figura 16: **População em Situação de Insegurança Alimentar e em risco**

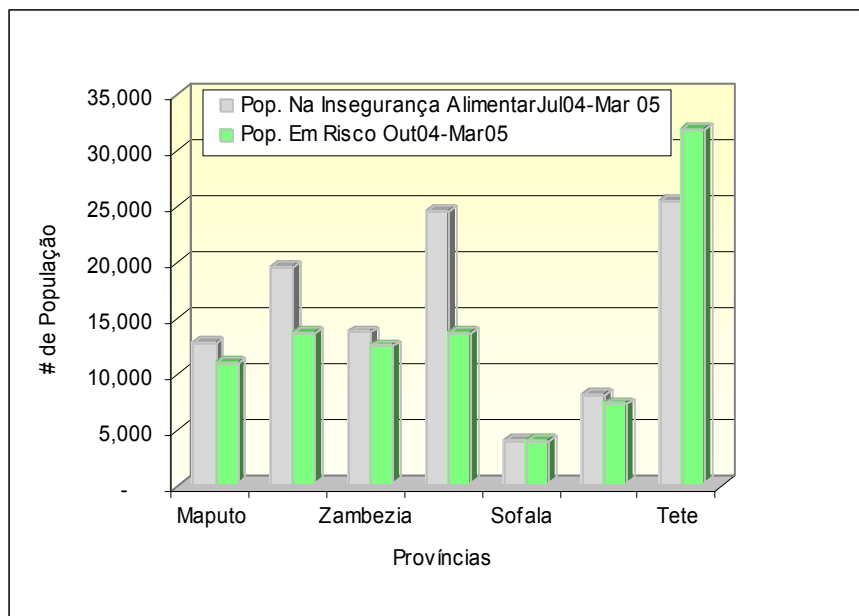


Tabela 22: Populações por Região e Grupo

Região	Distrito	Insegurança Alimentar Actual (Julho 04-Mar-05)				Situação de Risco (Oct 04-Mar 05)			
		LG1	LG2	LG3	Sub-Total	G1	G1	G1	Sub-Total
Maputo	BOANE	2,354	603	1,238	4,196	1,083	750	2,321	4,154
	MAGUDE	209	161	110	479	96	199	206	501
	MANHIÇA	2,457	298	136	2,891	1,131	371	255	1,756
	MARRACUENE	495	127	-	622	228	158	-	386
	MATUTUINE	1,504	241	132	1,876	692	299	247	1,238
	MOAMBA	1,038	100	137	1,275	478	124	256	858
	NAMAACHA	296	512	675	1,483	136	636	1,265	2,038
	Maputo Total				12,822				10,931
GAZA1	CHICUALACUALA	2,257	77	246	2,580	1,038	96	461	1,596
	CHIGUBO	689	235	107	1,032	317	293	201	811
	MABALANE	937	180	90	1,206	431	224	168	823
	MASSANGENA	379	157	92	629	175	195	173	542
	MASSINGIR	339	212	89	640	156	263	167	586
GAZA2	CHIBUTO	5,381	632	734	6,747	2,476	785	1,375	4,637
	GUIJA	1,347	570	567	2,483	620	708	1,062	2,390
	MANDLACAZE	3,779	351	46	4,175	1,739	436	86	2,260
	GAZA TOTAL				19,491				13,644
Zambézia1	MOPEIA	886	341	-	1,227	408	423	-	831
	MORRUMBALA	2,472	1,584	2,552	6,609	1,138	1,969	4,785	7,891
Zambézia2	CHINDE	288	443	50	782	133	550	95	778
	MAGANJA DA COSTA	4,294	826	-	5,120	1,976	1,026	-	3,002
	ZAMBÉZIA TOTAL				13,737				12,502
Inhambane1	FUNHALOURO	924	222	81	1,227	425	276	152	853
	INHARRIME	4,331	194	35	4,560	1,993	241	66	2,300
	MABOTE	3,201	150	137	3,488	1,473	186	257	1,916
	PANDA	848	179	-	1,027	390	223	-	613
Inhambane2	GOVURO	2,951	239	109	3,299	1,358	297	204	1,859
	INHASSOURO	784	-	321	1,105	361	-	601	962
	MASSINGA	3,957	706	-	4,664	1,821	878	-	2,699
	MORRUMBENE	5,128	-	53	5,181	2,360	-	99	2,459
	I' BANE TOTAL				24,551				13,660
SOFALA	CHEMBA	148	1,010	221	1,379	68	1,255	414	1,737
	CHERINGOMA	221	17	155	393	102	21	291	414
	MACHANGA	1,129	590	158	1,877	512	733	297	1,550
	MUANZA	197	51	92	340	91	63	173	326
	SOFALA TOTAL				3,989				4,026
MANICA	GURO	241	500	894	1,634	111	621	1,676	2,408
	MACHAZE	4,040	367	52	4,458	1,859	456	97	2,411
	MACOSSA	162	62	57	281	75	77	107	259
	TAMBARA	496	648	643	1,786	228	805	1,205	2,238
	MANICA TOTAL				8,160				7,318
TETE1	CHIUTA	524	906	1,653	3,083	241	1,126	3,099	4,466
	MOATIZE	275	529	2,699	3,503	126	657	5,061	5,844
	MUTARARA	2,047	2,254	2,087	6,388	942	2,800	3,914	7,656
TETE2	CAHORA BASSA	1,965	378	947	3,289	904	469	1,776	3,149
	CHANGARA	1,548	1,302	2,782	5,632	712	1,618	5,216	7,546
	MAGOÉ	1,719	413	603	2,735	791	513	1,130	2,434
	ZUMBO	345	398	81	824	159	495	151	805
	TETE TOTAL				25,453				31,899
	GRANDE TOTAL				108,205				93,978

9. Conclusões e Recomendações

As principais conclusões sobre a situação de vulnerabilidade nas áreas de estudo de Moçambique, são:

9.1. Segurança Alimentar 2004 e os grupos de meios da vida

- a) A situação geral dos agregados familiares melhorou comparando com o ano anterior, embora ainda exista prevalência de vulnerabilidade nas zonas de estudo e nos sete grupos sócio económicos identificados.
- b) O grau de vulnerabilidade varia com os indicadores de bem estar e em conformidade com os modos de vida. Os factores que diferenciam os grupos na habilidade de resistir aos choques são principalmente a diversificação de fontes de rendimento, produção de culturas, criação de animais, e a forma como gerem os riscos.
- c) Os grupos de modos de vida foram organizados/ numerados de acordo com uma tendência decrescente de vulnerabilidade, contudo existem em todos os sete grupos de modos de vida extractos de pessoas vulneráveis, que usam diferentes estratégias de sobrevivência e gestão de riscos.

9.2. Características da população da amostra e a vulnerabilidade à insegurança alimentar

- d) A população da amostra é composta maioritariamente por agricultores de subsistência, por isso mais vulneráveis aos riscos de seca e outros eventos climáticos extremos, bem como pela variação de preços de compra e venda.
- e) A diversificação dos sistemas de produção, particularmente a multiplicidade de culturas e a localização das machambas, melhora a resistência dos AFs aos choques climáticos e económicos. Esta diversificação está intrinsecamente ligada ao grau de vulnerabilidade dos diferentes grupos de modos de vida, sendo menos vulneráveis aqueles que apresentam maior diversificação dos sistemas de produção e fontes de rendimento.
- f) As características dos AFs mais vulneráveis: possuir em média uma única machamba; menor acesso á credito formal e informal; uso de estratégias drásticas para enfrentar os choques, tais como redução do numero de refeições ou mesmo não comer; fraco conhecimento sobre como evitar o HIV; maior número de agregados chefiados por mulheres; menor percentagem de crianças a frequentar a escola; menor numero de crianças com cartão de saúde; remessas ou transferencias monetárias inexistentes ou insignificantes e ainda são os menos alfabetizados.

- g) Existe uma relação proporcional entre o número de choques e a dificuldade do AF em alimentar a família. A situação agrava-se para os AFs chefiados por mulheres. Do total da amostra 44% dos AFs indicaram ter passado por um período de stress nos últimos 12 meses. Destes 49% eram chefiados por mulheres.
- h) Uma das principais estratégias de todos AFs foi de reduzir o número e a qualidade das refeições, com diferença significativa nos AFs chefiados por mulheres onde o consumo de sementes destinadas a produção foi também a estratégia mais utilizada, particularmente nos grupos 1, 2 e 3. Este tipo de atitude tem repercussões graves a nível do desenvolvimento das crianças bem como ao nível produção.
- i) Os grupos 4 e 6 são os que apresentam maior número de chefes de agregados com doenças crónicas, o que indica já uma deficiente capacidade de auto-sustento e a médio prazo tornar-se-á uma crescente sobrecarga para a restante família.
- j) De modo a diminuir a vulnerabilidade dos grupos é necessário dotá-los com oportunidades para melhorar a gestão de risco: aumentar as possibilidades de utilizar estratégias de menor risco e, aumentar a resistência dos AFs para enfrentar e ultrapassar os problemas.

9.3 Grupos de Meios da Vida e programação

- k) A corrente análise de vulnerabilidade ilustra os diferentes modos vida que os AFs possuem nas zonas rurais, e o grau de vulnerabilidade dos AFs num mesmo ambiente de risco. Esta análise deverá ser utilizada para guiar os programas de intervenção. Utilizando as características dos grupos de modos de vida identificados é possível, não apenas dirigir melhor as intervenções para os grupos mais vulneráveis em termos de segurança alimentar, mas também, adequar as intervenções aos modos de vida dos AFs. Isto aumentará a possibilidade de atingir os objectivos preestabelecidos.
- l) Com o início da planificação descentralizada no País, e o discurso de participação activa das comunidades no processo de desenvolvimento local, pode-se utilizar a análise dos grupos de meios da vida para identificar estes grupos por área, e envolver-los nas discussões para o desenvolvimento e, dirigir melhor as intervenções.

9.4 Programação e áreas geográficas

- m) A informação fornecida pela análise de vulnerabilidade se distingue entre os diferentes grupos de modos de vida e a sua distribuição por área de inquérito. Nota-se que existe uma representação de cada grupo em cada área, mas também, existe uma concentração de grupos específicos por área. O estudo identificou que o grupo com

vulnerabilidade extrema (Grupo 1) concentra-se nas áreas de Inhambane Interior e Norte de Gaza, enquanto os grupos 2 e 3 (vulnerabilidade alta) encontram-se com maior concentração em Sofala e Tete. Isto é importante para a planificação de acções dirigidas a redução de vulnerabilidade destes grupos.

9.5 Números de Pessoas em vulnerabilidade extrema em 2004

- n) Para determinar o número de pessoas extremamente vulneráveis foram usados os indicadores do efeito do choque, neste caso a seca sobre os diferentes grupos de modos de vida: a qualidade da dieta (inferior a 12), as reservas alimentares e perspectivas de colheita. Os grupos 1-3 foram considerados extremamente vulneráveis. Os outros grupos foram julgados terem recursos internos necessários para ultrapassar os efeitos de seca.
- o) Pelo acima exposto, aproximadamente 202,000 pessoas foram identificadas como estando em situação de insegurança alimentar e, destas, cerca de 108,000 necessitam de assistência humanitária imediata.

10. Recomendações

10.1 Recomendações Gerais

As recomendações estão apresentadas em três partes. A primeira parte apresenta recomendações gerais para todos os grupos. A segunda apresenta recomendações para os grupos mais vulneráveis e a terceira parte apresenta recomendação por grupos de modos de vida. O sumário das recomendações está apresentado no anexo 7.

a) Assistência Directa

Diferentes factores determinam a capacidade do AF em se alimentar. Por um lado factores sócio-económico e ambientais, e por outro, factores intrínsecos ligados ao modo de vida do AF. Deste modo, a assistência alimentar deverá ter duas vertentes a fim de: permitir a recuperação das comunidades mais afectadas por choques e aliviar o sofrimento dos AFs em situação de extrema vulnerabilidade, particularmente os Afs chefiados por mulheres, para que reduzam a adesão a estratégias extremas de sobrevivência.

A médio-prazo deverá ser considerado o desenvolvimento de um programa nacional de obras públicas (aberturas de estradas, represas, construção ou reabilitação de escolas etc.) para o benefício da comunidade, utilizando



mão de obra local, de modo a dotar as camadas mais vulneráveis com fonte de rendimento regular. Sendo assim recomenda-se :

- A expansão e calendarização regular (por exemplo, no período pós colheita quando não existe actividades nas machambas) de programas de obras públicas utilizando mão- de- obra intensiva, com remuneração em dinheiro, dirigida os AFs com características de grupos 1, 2 e 3.
- A assistência alimentar deve ser considerada de imediato, até a próxima colheita, para as pessoas em insegurança alimentar extrema, aproximadamente 108.000 pessoas. Estas pessoas não têm reservas nem previsão de colheita e têm a pior qualidade de dieta. Para além destes, o segundo grupo de pessoas, aproximadamente 94.000 estarão em risco de insegurança alimentar entre Outubro de 2004 à Março de 2005. Estas pessoas também têm pior qualidade de dieta mas têm de 1 a três meses de reservas. Sendo assim, recomenda-se uma monitoria cuidadosa pelo GAV e parceiros para verificar se irão precisar de assistência, quando a produção da segunda época for incluída.
- Por outro lado, sabendo que existem bolsas de insegurança alimentar até em distritos com excedentes de produção, recomenda-se que se pense numa distribuição de dinheiro á famílias necessitadas para que possam adquirir os alimentos disponíveis em mercados locais. Sugere-se que para as pessoas em situação de insegurança alimentar nos distritos de Morrumbala, Mopeia, Boane, Namaacha, Marracuene, Massinga, Moatize e Chiuta seja aplicada a modalidade de dinheiro pelo trabalho, com base nos preços locais, para a população activa ou ração diárias/mensais recomendadas para uma vida activa.
- A contribuição para o melhoramento das condições de vida dos grupos mais vulneráveis, afectados pela insegurança alimentar poderá ser conduzida do seguinte modo:
 - Comida pelo trabalho; podem participar os AFs vulneráveis dos grupos de modos de vida 1 a 3, 4: Os alimentos podem ser usados como incentivo para a participação em actividades produtivas comunitárias, reconstrução de infra-estruturas particularmente para aproveitamento de água, protecção ambiental, diversificação das alternativas de rendimento e melhoramento dos mecanismos de sobrevivência destas populações.
 - Assistência em colaboração com escolas, orfanatos e centros de internamento, dirigidas a pessoas que vivem com o HIV/SIDA (PLWHA), pacientes de tuberculose, órfãos e crianças vulneráveis, prestando particular atenção as raparigas e aos grupos 4 e 6.
 - Pode ser considerada assistência aos AFs extremamente vulneráveis (AFs chefiados por mulheres, crianças e idosos),

particularmente no grupo 1 e 2, através de distribuição gratuita de alimento se as condições o exigirem.

b) Água e Saneamento

Tendo em consideração que cerca de 88% dos AFs abrangidos pelo estudo caminham mais de uma hora para buscar água potável e o impacto potencial de água e saneamento na redução das doenças diarreicas, principalmente para os grupos etários abaixo de 5 anos, recomenda-se:

- Expansão dos programas de abertura de poços e furos.
- Maior integração das actividades de água e saneamento com as de promoção de higiene.
- Expansão do programa de abertura de latrinas e sensibilização da comunidade.

c) Saúde

Tendo em conta que a qualidade de dieta é má, acções deverão ser tomadas para melhorar a dieta dos AFs através de programas educacionais que visam influenciar a diversidade de produtos para o consumo, incluindo hortas caseiras, recomenda-se:

- Capacitação de extensionistas agrícolas, organizações comunitárias e ONG's locais na área de educação nutricional como parte integral da formação e prática de extensão.
- Maior integração a nível distrital dos serviços de saúde e agricultura de modo a melhorar os programas de educação nutricional
- Estabelecer vigilância epidemiológica e nutricional através de centros de sentinela para crianças com menos de 5 anos.
- Em relação a malária, extensão de programas de prevenção, especialmente na promoção de redes mosquiteiras para mulheres grávidas e crianças menos de cinco anos, tratamento de malária e educação comunitária.
- Expansão de serviços de saúde para as populações que não têm acesso a esses serviços, através de clínicas móveis e boas ligações com as comunidades.

d) HIV

Tendo em consideração os efeitos negativos da pandemia do HIV/SIDA, recomenda-se:

- Promoção da utilização de rádio para divulgar mensagens sobre HIV /SIDA



- Educação nutricional dirigida as PVCHS e AFs vivendo com PVCHS.
- Promoção de iniciativas que ligam os AFs com adultos doentes crónicos com programas de apoio (subsídio de alimentos).
- Promoção de culturas que não requerem mão de obra intensiva.
- Direcção de programas de tratamento anti-retroviral a zonas com altas taxas de dependência efectiva.

e) Educação

Os grupos mais vulneráveis requerem atenção especial para o aumento da tendência de frequentar a escola, com vista a aumentar a taxa de matrícula por género. Sendo assim recomenda-se:

- Desenvolvimento de estratégias locais para garantir o equilíbrio de género na área de educação.
- Garantir que as crianças órfãs não sejam discriminadas em termos de oportunidades de educação.
- Sensibilizar os conselhos de escola para serem mais pro-activos, especialmente em assuntos relacionados com educação da rapariga e de crianças órfãs e vulneráveis.

f) Coordenação

Devido à característica multi-sectorial da segurança alimentar e nutrição e a áreas comuns horizontais entre os diferentes sectores, recomenda-se:

- Promoção para envolvimento de instituições de decisão e de implementação dos processos de análise de vulnerabilidade e outras actividades do SETSAN-GAV.
- Coordenação com o SETSAN-GAV nas actividades de segurança alimentar, tendo em conta as capacidades já existentes, de forma a maximizar os recursos, adoptar metodologias já aplicadas e permitir a comparação da informação produzida.

10.2 Recomendações para Grupos de maior vulnerabilidade (1 à 3).

As estratégias específicas para atingir estes grupos variará dependente da zona geográfica e as oportunidade identificadas na diversificação dos modos de vida. Porém é possível formular recomendações gerais para os grupos de meios da vida 1 a 3.

g) Alfabetização de adultos

Uma das recomendações comuns para grupos 1 à 3 é de intensificar os programas de alfabetização tomando em consideração os seguintes factores.

- Grupos 1 à 3 têm AFs com menos membros e, em grupo 1, há uma alta percentagem de AFs chefiados por mulheres. Constrangimentos de tempo serão graves para estes AFs. As actividades de alfabetização devem tomar isto em consideração quando forem desenhadas.
- Os gestores dos programas de alfabetização deveriam ser activos na identificação de AFs com as características citadas no relatório (grupos 1-3). Os gestores devem identificar os constrangimento em cada local e encorajar a participação através de programas flexíveis e adaptadas as condições locais.

h) **Grupos de Meios da Vida e Acesso ao serviço de Saúde**

Os grupos de meios da vida 1-3 frequentam menos os serviços de saúde como adultos devido ao custo. Esta situação merece uma análise profunda por parte do sector de saúde. Deve-se reflectir sobre a experiência de atingir crianças através dos serviços preventivos em todos os grupos e, estender as técnicas para atingir os adultos. Incluindo, maior divulgação dos serviços, mudanças nas atitudes dos profissionais de saúde e, maior aplicação de atestados de pobreza para minimizar o custo de tratamento para as pessoas mais vulneráveis.

10.3 Recomendações específicos para Grupo 1:

Existem duas possíveis abordagens para este grupo, a primeira poderá ser via agricultura e a segunda através da diversificação de rendimento. As duas não são exclusivas podendo se adoptar uma abordagem mista. Porém, tendo em consideração que a maioria dos AFs de grupo 1 encontram-se no interior de Inhambane e no norte de Gaza, deve-se analisar cuidadosamente a viabilidade da "via agrícola" nesta área semi-árida. Sendo assim recomenda-se:

Produção agrícola

- Diversificação de culturas, principalmente as de curto ciclo e/ou resistente á seca.
- Com o objectivo de aumentar o número de machambas por AFs deve investigar os constrangimentos ligados ao acesso à terra e propor soluções viáveis para AFs com limitações de mão de obra activa.
- Promover programas que garantem que cada AF tenha acesso a pelo menos 1 ha de terra de sequeiro e, quando possível, a 250m² de terras baixas.
- Promover introdução de tecnologia apropriada para o cultivo nas zonas baixas (por exemplo, bombas pedestais e promoção de pequenos regadios)

- Educação nutricional, complementada com um programa de “food based approach” (abordagem baseada nos alimentos) como forma de diversificar as fontes de alimento e enriquecer o próprio consumo.

Diversificação de rendimento

Dado as características deste grupo recomenda-se a diversificação dos meios da vida para reduzir a vulnerabilidade.

- Introduzir esquemas de poupança em grupo como forma de aumentar o capital de investimento (o grupo tem características propícias para estas iniciativas sendo um grupo com alta percentagem de AFs chefiados por mulheres).
- Fomentar créditos individuais e colectivos com o objectivo de promover a diversificação das receitas num esquema de benefício rotativo, sendo a modalidade e o tipo de financiamentos sujeitos às condições de cada localidade e à capacidade organizativa das comunidades.
- Aumentar o fomento de criação de animal de pequena espécie, incluindo gestão animal e aspectos comerciais. Não se exclui ainda a possibilidade de fomentar a criação de coelhos desde que seja culturalmente aceitável, tendo em conta o seu alto valor proteico e elevado índice de reprodução.
- Identificar fontes de rendimento que requerem baixa mão de obra, como por exemplo, exploração e comercialização dos produtos florestais.
- Capacitação dos chefes dos AFs, não apenas a alfabetização mas, dirigida a exploração de oportunidades da região (por exemplo, turismo, artesanato)
- Preparar os AFs para os possíveis investimentos na área através de circulação de informação e capacitação.
- Inclusão de mulheres chefes de família em processos de desenvolvimento no distrito (descentralização)
- Identificação e localização dos AFs mais vulneráveis no distrito para registo e eventual benefício de intervenções direccionados a estes AF (Subsidio Alimentar, Atestados de pobreza, etc) .

12.4 Recomendações específicas para Grupos 2 e 3.

Grupo 2 e 3 tem maior possibilidades de explorar opções agrícolas e pecuárias. Porém, para o grupo 3 a terra parece ser um factor limitante embora, não se saiba se a causa é falta de acesso ou limitação da força de trabalho. Entretanto, a tendência de monocultura de cereais poderá estar a aumentar o risco da auto-produção. Por conseguinte, há que se combinar uma agricultura mais intensiva com a diversificação de culturas.

A concentração geográfica do grupo 2 está na província de Sofala e no leste de Tete e o grupo 3 na província de Tete. As características dos modos de vida destes AFs devem ser utilizadas para dirigir as intervenções específicas a nível distrital. Sendo assim recomenda-se:

Agricultura

- Promover feiras agrícolas para possibilitá-los a adquirir insumos mais diversificados, em especial sementes.
- Estender o programa de batata-doce para todas as áreas e para AFs ainda não beneficiados.
- Utilização de métodos de extensão e extensionistas para atingir este grupo de AFs (tomando em consideração os altos níveis de analfabetização, pouca diversificação de culturas, e falta de acesso à crédito),
- Recomenda-se a expansão do programa de controle orgânico de pragas (IPM) e a divulgação de técnicas de controle de pragas durante as feiras de sementes e insumos.
- Para a redução de perdas pós-colheita, deve-se encorajar a construção de celeiros melhorados.
- Fomento de regadios de pequena escala.

Pecuária

- Intensificar actividades de extensão na área de produção animal, incluindo: gestão de foragem; diversificação de criação animal e, saúde animal.
- Apoiar e disseminar as feiras de animais (especialmente relevante para a província de Tete)

Rendimento

- Melhorar o funcionamento dos mercados, promovendo créditos locais e mecanismos de abastecimento e escoamento de produtos de forma mais eficaz abrangendo grupos de mulheres, que apresentam já experiência nesta área de negócios, mas num esquema rotativo reforçando a pertença local e continuidade do processo.
- Fomento das associações de mulheres nas áreas de processamento caseiro e utilização de recursos naturais, como forma de aumentar as receitas das mulheres chefes de famílias.

- Maior envolvimento dos AFs na planificação e gestão assim como a utilização dos recursos naturais, em especial, os parques nacionais, reservas e coutadas.
- Capacitar os AFs para poder explorar as oportunidades de investimento e emprego nas áreas, por exemplo, nos parques nacionais, nas indústrias de processamento alimentar, comércio formal, etc.

12.5 Recomendações específicas para Grupo 4:

O grupo pratica uma agricultura diversificada com uma alta percentagem dos AFs a produzirem cereais (99%), mandioca e batata doce (68%), feijões (51%) e hortícolas (26%). Porque o grupo não apresenta constrangimentos em relação ao acesso à terra importa recomendar intervenções que visam melhorar a produção agrícola.

Agricultura

- A promoção de regadios de pequena escala;
- A melhoria dos serviços de extensão; assistência no fornecimento de sementes e material vegetativo de qualidade, sobretudo na promoção de hortícolas e cultivo de segunda época, que poderá vir a ser de capital importância.

Rendimento

- Ensaiar modalidades de crédito rotativo associado a diferentes pacotes para diversificar as receitas. O esquema de crédito deverá servir de modelo para encorajar o reforço das iniciativas individuais na matéria.
 - Fomento de fruteiras;
 - Comércio informal;
 - Criação de animais de pequena espécie;
 - Processamento de produtos agrícolas.

12.6 Recomendações específicas para Grupo 5:

Este grupo apresenta uma maior concentração de criadores de gado, tendo uma característica tipicamente agro-pecuária, que reparte o seu modo de vida entre as duas vertentes mas com maior peso na produção pecuária que representa uma das suas principais fontes de receita. Recomenda-se

Pecuária

- Assistência veterinária mais sincronizada e abrangente incluindo;
 - Vacinação e promoção de banhos carracicidas;
 - Manuseamento de pastos;

- Abertura e manutenção de represas para o abeberamento do gado;
- Assistência na comercialização de animais e no processamento, consumo e venda de produtos derivados.

Agricultura

- Manter o sistema de produção diversificado e, encorajar a conservação de sementes locais;
- Melhorar a produção e conservação durante a produção e pós-colheita;
- Fomento do mercado e um sistema de informação de mercados para as áreas mais remotas (não coberto pelo sistema SIMA).

12.7 Recomendações específicas para Grupo 6:

Do ponto de vista da produção agrícola este grupo encontra-se bastante satisfatório com todos os AFs a produzirem pelo menos 3 culturas (mandioca, cereais e batata doce) e como complemento, cerca de 55% dos AFs também produzem feijões. Por outro lado importa ainda enfatizar o peso da diversificação das receitas, o alto índice de participação no mercado (cerca de 51% dos AFs) e uma boa base de remessas assim como poupanças com 29 e 39% de AFs envolvidos respectivamente. Essa tendência é ainda consistente com a elevada percentagem dos AF com acesso a crédito (40%). Recomenda-se:

Agricultura

- Manter e encorajar o sistema de produção agrícola diversificado;
- Melhorar a interacção entre o produtor e o mercado agrícola de modo a beneficiar os pequenos produtores. Pode ser através de via associativismo (ligação com o União Nacional de Camponeses);
- Introduzir tecnologias apropriadas para aumentar produtividade, incluindo multiplicação de sementes, tecnologias pós colheita e controle e combate de pragas e doenças;
- Promover programas de educação nutricional e gestão dos recursos domésticos de modo a maximizar o uso positivo dos alimentos disponíveis.

Rendimento

- Examinar o papel de remessas neste grupo de modo a aumentar o impacto dos investimentos nos modos de vida, e preparar para possíveis mudanças devido a situação económico dos países vizinhos. (pertinente o grupo 7 também)

- Recomenda-se um estudo regional sobre a situação de mão de obra migratória e desenvolvimento de programas de absorção de mão de obra (skilled) nas zonas rurais de origem dos migrantes;
- Examinar as possibilidades de formalizar (através de bancos rurais) crédito e poupanças, através de extensão das instituições de crédito e poupanças nas áreas rurais.

12.8 Recomendações específicas para Grupo 7:

Este é o grupo considerado mais sustentável de todos, do ponto de vista de segurança alimentar e nutricional. A diversificação das culturas representa um dos instrumentos mais importantes para minimizar os riscos da produção agrícola. Aliado a isso, o grupo parece ter um forte poder de compra traduzido pela combinação de remessa (40%) com a poupança e crédito (50% dos AF têm acesso), reflectindo-se na qualidade da dieta e no número de refeições. Por esses factos, recomenda-se

Governança

- Promover AFs deste grupo como agentes de mudança na comunidade para ajudar na implementação dos programas para os grupos 1, 2 e 3.

Agricultura

- Reforçar os serviços de extensão com o objectivo de reduzir as perdas devido ao ataque das pragas;
- Introduzir técnicas de gestão de sementes, multiplicação e comercialização das mesmas;
- O grupo deveria ser abrangido pelos programas de conservação pós-colheita,

Pecuário

- Assistência técnica na pecuária
 - Encorajando o uso das vacinas;
 - O alargamento do uso de tanques carracidas;
 - O maneio do pasto;
 - O aproveitamento/fomento de indústria pecuária.

Educação nutricional

- Realizar programas de educação nutricional com o propósito de diversificar o consumo proporcionando uma dieta mais equilibrada.

Rendimento

- Assistido com informações sobre o funcionamento e a dinâmica do mercado principalmente sobre as variações sazonais dos preços; as oportunidades de negócios e envolvimento na produção especializada incluindo fruticultura, tabaco, algodão e outras culturas susceptíveis de serem exportadas.
- Advocacia por parte dos AFs sobre os serviços bancários e acesso à crédito nas zonas rurais.

Tabela 23: **Lista de anexos**

ANEXO 1	Inquérito Quantitativo 2004
ANEXO 2	A Ferramenta Qualitativa 2004
ANEXO 3	Medição de quantidade de dieta
ANEXO 4	Método para Definir os Grupos
ANEXO 5	Distribuição dos grupos
ANEXO 6	Caracterização dos grupos alvos
ANEXO 7	Sumario das recomendações

Referências:

1. Food and Nutrition Technical Assistance, FANTA. January 1999 - FOOD SECURITY INDICATORS AND FRAMEWORK FOR USE IN THE MONITORING AND EVALUATION OF FOOD AID PROGRAMS.
2. Instituto Nacional de Estatística), IAF 1998 – INQUÉRITO NACIONAL AOS AGREGADOS FAMILIARES SOBRE CONDIÇÕES DE VIDA – Maputo.
3. Instituto Nacional de Estatística (2004), IAF 2003 – INQUÉRITO AOS AGREGADOS FAMILIARES SOBRE E ORÇAMENTO FAMILIAR – Maputo.
4. Ministério do Plano e Finanças, IFPRI, e Universidade de Purdue (2004)- POBREZA E BEM ESTAR EM MOÇAMBIQUE - Segunda Avaliação Nacional, Maputo, Ministério do Plano e Finanças, 2004.
5. Secretariado Técnico de Segurança Alimentar e Nutrição (SETSAN) - Grupo de Análise de Vulnerabilidade (GAV) , Nov/Dez 2002 – RELATÓRIO DE ANÁLISE DE VULNERABILIDADE.
6. Secretariado Técnico de Segurança Alimentar e Nutrição (SETSAN) - Grupo de Análise de Vulnerabilidade (GAV) , Julho 2003 – RELATÓRIO DE ANÁLISE DE VULNERABILIDADE.
7. Ministério de Agricultura e Desenvolvimento Rural (MADER) – TRABALHO DE INQUÉRITO AGRÍCOLA, 2002.

